

6 5

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO
(SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA)

PRE-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

PROF. AUX. DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PÔRTO
BOLSEIRO DO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA



LISBOA ■ 1 9 4 0



'631/634"(679)

PRE-HISTÓRIA DE
MOÇAMBIQUE

MOÇAMBIQUE
PRE-HISTÓRIA DE

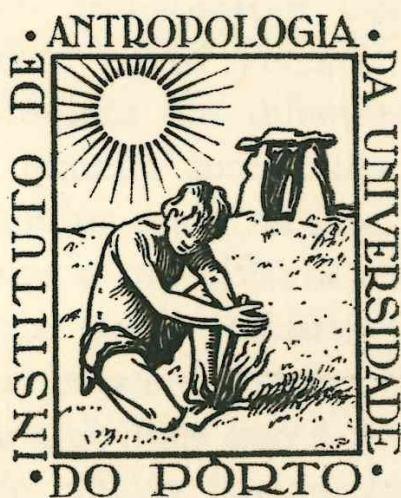
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÓRTO
SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

PRE-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

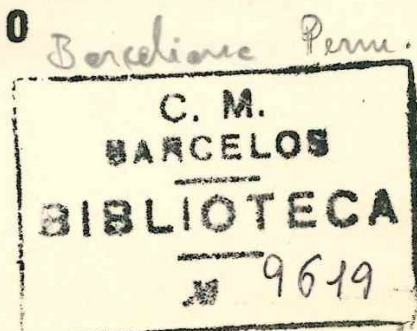
Por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

PROF. AUX. DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PÓRTO
BOLSEIRO DO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA



LISBOA ■ 1 9 4 0



PRE-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

A pre-história ou ante-história é o período da evolução da humanidade anterior à descoberta da escrita. Para o conhecimento da história do homem dêsse período, não dispomos de documentos escritos que constituam fontes de estudo dessa mesma evolução. À falta dêsses documentos, valemo-nos das ruínas das suas habitações ou monumentos, das suas manifestações artísticas, e sobretudo dos instrumentos de pedra ou de metal que, conservados em múltiplos jazigos arqueológicos, constituem excelente material para o estudo das épocas passadas.

É difícil estabelecer o limite da pre-história e a sua conexão imediata com o período histórico. Este limite é variável nas diferentes regiões da terra.

Pelo que respeita à África do Sul, a pre-história vem até ao fim do século xv, e termina com as descobertas dos portugueses.

Quando os nossos antepassados desbravaram os sertões africanos, depararam com povos vivendo em plena Idade da Pedra. A cronologia absoluta dos diferentes períodos da Idade da Pedra sul-africana, quando comparada com a dos similares períodos europeus, é muito mais recente. Poderíamos, com os autores ingleses, designar a pre-história da África do Sul como uma pre-história recente (*early prehistory*), a qual nem por isso nos merece um menor interêsse de estudo, de resto bem expresso pelo grande número de trabalhos que à pre-história sul-africana múltiplos cientistas de várias nacionalidades têm dedicado.

No plano do nosso trabalho de síntese da pre-história de Moçambique, e, como tal, forçadamente conciso, estudaremos especialmente as indústrias da Idade da Pedra, sumariamente a arte rupestre, da qual se conhecem em Moçambique algumas

valiosas estações, e por fim as ruínas de recintos muralhados no género dos castros do Norte de Portugal e da Galiza

IDADE DA PEDRA

A extraordinária riqueza da União da África do Sul e da Rodésia em documentos páleo-antropológicos e em estações da Idade da Pedra, correspondia uma singular pobreza dos mesmos documentos e estações no que respeita à nossa colónia de Moçambique.

Apenas de três ou quatro locais desta nossa vasta província ultramarina se conheciam instrumentos líticos. O mais antigo achado de que tenho conhecimento é o de um instrumento de quartzite, possivelmente um machado neolítico, encontrado no rio Búzi e descrito pelo Prof. Leite de Vasconcelos no *Archeologo Português* nestes termos: «Aguçadeira de quartzite, aparecida na ribeira do Búzi (Moçambique) e oferecida pelo Sr. Tenente Coronel Manuel Teixeira Soares ao Museu da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal. Esta aguçadeira serviu de pilão por uma das suas extremidades. Da época neolítica» (1).

Outro achado consistia nuns sílices lascados, grosseiros e rolados, encontrados por Wayland à superfície dos cascalhos do rio Monapo. Wayland, num artigo publicado no *Man* (N.º 57, 1915) (2), dá os sílices de Monapo como próximos dos objectos de calcedónia do paleolítico inferior e médio achados por Lampluch no vale do Zambeze junto de Victoria Falls.

Boule, em *L'Anthropologie*, T. xxviii, 1917, pág. 451, com tôda a sua autoridade, baseado, é certo, apenas sobre as figuras publicadas por Wayland, põe em dúvida o valor arqueo-

(1) Leite de Vasconcelos, *Instrumentos prè-históricos da África Portuguesa*, in «O Arch. Port.», vol. xviii, pág. 176-177, figs. 10 e 11.

(2) E. J. Wayland, *Notes on the occurrence of stone implements in the province of Mozambique*, in «Man», n.º 57, London, 1915. (Anal. por M. Boule em *L'Anthropologie*, T. XXVIII, 1917, pág. 451.

lógico das peças, aventando a hipótese de se tratar, quando muito, de simples eólitos.

Os achados do capitão Spring, de que deu notícia Staudinger no *Zeitschrift für Ethnologie* (1), foram feitos na Zambézia, em vélhas galerias de minas, e em escavações realizadas na base de rochedos com pinturas, em Chicolone e no Katzombo (sic) na região de Tschipeta. Estes achados constam de «pontas de seta, faquinhas, raspadores, pedaços de quartzo e de cristal de rocha», que não foram desenhados, nem sequer atribuídos a determinada cultura. Dos mesmos achados fazem parte uma pedra furada semelhante às dos boximanes, um triturador e uma peça de barro dada como um molde (?) de fundição, mas que Staudinger diz não se poder dizer qual tivesse sido a sua utilização. Estas três peças veem desenhadas no citado trabalho de Staudinger.

Nos autores da época contemporânea, conhecia apenas uma outra referência à pre-história de Moçambique feita pelo Prof. Doutor Américo Pires de Lima, ilustre Director da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto, que num dos seus trabalhos etnográficos sôbre o norte de Moçambique formula a hipótese, plausível, de que certos amontoados de conchas que viu em Palma (Cabo Branco), por vêzes a uma grande distância dos actuais povoados indígenas, são certamente kjoekenmoeddings.

E era tudo.

Na vastíssima extensão de quási 800.000 quilómetros quadrados do leste africano português, nada mais se conhecia além do que vai citado. Razão tinha o Prof. Doutor Mendes Correia quando afirmava a sua convicção de que, muito provavelmente, deviam existir na nossa colónia restos de civilizações pre-históricas. O mesmo insigne Mestre, a pág. 19 da sua *Pre-história de Moçam-*

(1) Staudinger, *Funde und Abbildungen von Felszeichnungen aus den alten Goldgebieten von Portugiesisch - Sudostafrika*, in «Zeitschrift für Ethnologie», Berlim, 1910, pág. 144.

bique — *Um plano de estudos* (1) — dizia ser pouco natural que nenhuma das culturas líticas da África do Sul não existisse em Moçambique, não só pelas estreitas relações de contigüidade

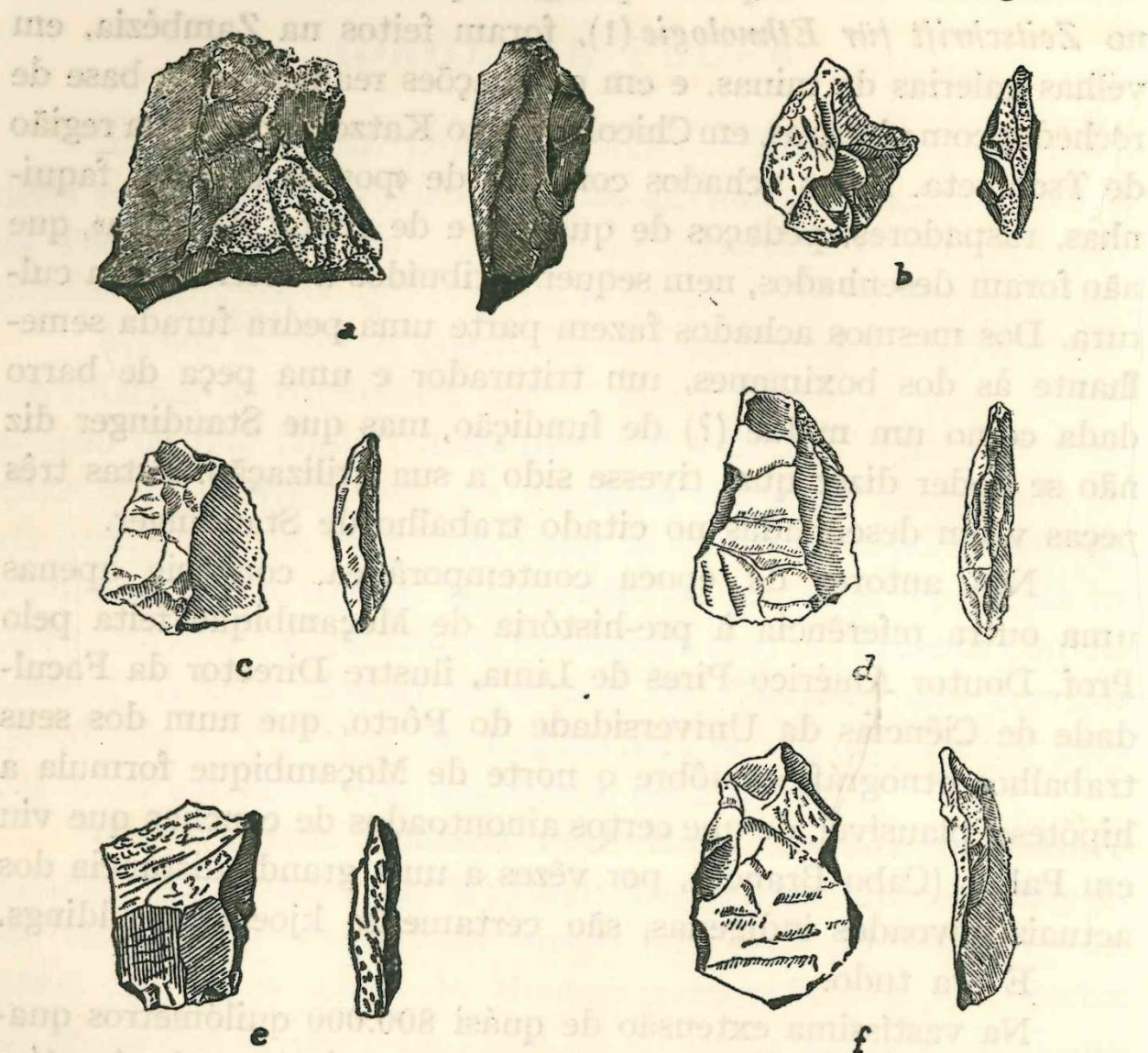


Fig. 1 — Marissa — Instrumentos líticos da primeira colheita em 1936.
(Desenho em tamanho natural)

territorial, mas também porque as mesmas culturas se conheciam na Uganda, no Quênia, na Rodésia e na União Sul-Africana, regiões vizinhas da nossa província de leste de África, tornando-

(1) Mendes Corrêa, *Pre-História de Moçambique* — *Um plano de estudos*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», vol. XX, Pôrto, 1936, pág. 155 a 184, 3 figs.

-se incompreensível—escrevia o Prof. Mendes Correia—«que na sua distribuição espacial os povos a que essas culturas pertenceram, deixassem sistematicamente deserto o território da nossa colônia, que seria assim inviolável tabu para o povoamento pre-histórico.»

E logo abaixo, na mesma página, formulava a seguinte inter-rogação: «Entretanto, se no vale médio de Zambeze há vestígios inegáveis de muito remota ocupação paleolítica, por que supor esta impossível no vale inferior do mesmo rio?»

Com as duas campanhas da Missão Antropológica de Moçambique de que fui encarregado em 1936 e 1937, a lista das estações da Idade da Pedra foi aumentada.

Em 1936 encontrei próximo da Marissa alguns instrumentos de quartzo hialino e sílex, que me permitiram classificar aquela estação como da cultura de Wilton, a mais recente das culturas líticas sul-africanas.

Em 1937 mais 7 ou 8 estações tive ensejo de encontrar nas minhas jornadas pelo interior, especialmente ao longo do rio Zambeze.

Faremos a descrição sumária de cada uma destas estações, marcando-lhes as características fundamentais e por vêzes particulares, como sucede com os achados do Zumbo (Nhancuaze).

MARISSA

Em 1936, durante a 1.^a campanha da Missão Antropológica, fui à Kambulabassa (1) em demanda duma pedra com inscrições que me informaram ali existir, mas, afinal, não souberam localizar. Em compensação da fadiga da jornada violenta e da desilusão pesarosa por não ter conseguido ver as almejadas inscrições, tive a dita de encontrar no caminho, entre a Marissa e o Panhantchange, uma meia dúzia de micrólitos (fig. 1) que me permi-

(1) Este nome, pelo qual é conhecida a região dos rápidos do Zambeze a juzante da Chicôa, tem sofrido tratos de polé, pois uns lhe têm chamado

tiram estabelecer a existência da estação lítica da Marissa (1), a minha primícia arqueológica em Moçambique, e que, como tal, dediquei ao Prof. Riet Lowe, insigne Mestre na Universidade de Witwatersrand. A escassez dos achados que então fiz permitiu-me classificar a estação como da cultura de Wilton, mas não me permitia ajuizar da sua extensão e importância. Em 1937 resolvi tornar à Marissa, o que fiz em 27 de Setembro.

A estação, a que chamei da Marissa por ser esta a aldeia indígena que lhe fica mais próxima, está situada na vertente que desce para *Panhantchenge*, junto do *mecurro* (2) denominado *Pagansomba*, em local chamado *Nhamechenge*.

A colheita da segunda visita, em 1937, embora mais farta do que a de 1936, não foi no entanto muito abundante. A estação é pobre e estende-se numa faixa de terreno duns 100 metros de largura por 150 a 200 metros de comprimento. As peças são, regra geral, de pequenas dimensões; as mais delas entre 2 e 3

Kaborabassa outros Kabro-abassa, e outros ainda Kebro-abassa ou Kabuerabassa. Averigüei com segurança que ao menos os indígenas da região lhe chamam Kambulabassa.

Em carta que me escreveu o Sr. Jaime Lino, me dizia este antigo funcionário do quadro administrativo de Moçambique que a denominação destas cachoeiras do Zambeze tem variado com os autores:

Cabrabaça por Vilas Boas Truão, governador de Tete em 1806 e por António Tavares de Almeida, governador de Tete em 1863; *Cabrabassa* nas instruções dadas pelo governo inglês ao Dr. Livingstone em 1858; *Caruabaça* por Miguel Augusto de Gouveia, governador de Tete em 1867; *Cauro-bassa* em 1889 por Carl Wiese, súbdito alemão que se conservou até 1908 na nossa colónia de Moçambique; *Caroabassa* por Portugal Durão, 1.º tenente da Armada em 1905; *Caora-bassa* por Hugo de Bivar 1.º tenente da Armada, antigo residente de Fronteiras, falecido no Zumbo em 1912; *Cahora-Bassa*, pág. 8 e 25 do livro do governador de Tete, Pedro Augusto de Sousa e Silva, intitulado *Distrito de Tete (Alta Zambézia). Características, História, Fomento*, Lisboa, 1927.

(1) Ver J. R. dos Santos Júnior, *Relatório da Missão Antropológica à África do Sul e a Moçambique*, (1.ª campanha de trabalhos-1936) in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. VIII, Porto, 1938, pág. 303 a 305; id., *Contribuição para o estudo da idade da pedra em Moçambique — A estação lítica da Marissa (Tete)*, in documentário trimestral «Moçambique», vol. XII, Lourenço Marques, Dez.º 1937, pág. 95 a 103, 6 figs.

(2) Assim designam os regueirões onde só corre água na época das chuvas, e, mesmo nessa época, passado pouco tempo depois das chuvadas os *mecurros* ficam quasi secos. O regime torrencial a que estão sujeitos fá-los ir de mar-a-monte nas ocasiões em que chove.

centímetros de comprimento; são portanto de fácies microlítica (1).

A maior parte são de quartzo leitoso, mas há-as também de sílex e uma ou outra de quartzite.

Colhi pontas, buris e raspadores. Porém, as peças mais características são os crescentes de quartzo, de que apanhei vários exemplares. De sílex há também alguns instrumentos e um dêles, o da fig. 2, lascado num calhau rolado de que ainda se conserva em parte a superfície polida pelo rolamento. A parte anterior desta ponta termina em gume cortante, resultante da combinação

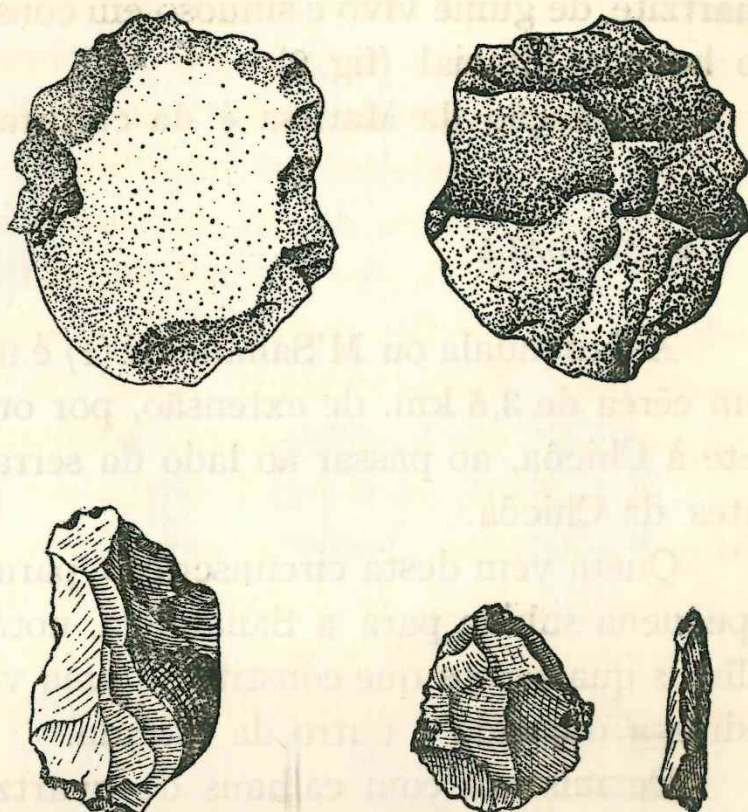


Fig. 2—*Marissa*—O raspador circular que as duas figuras de cima mostram visto pelas duas faces foi obtido afeiçoando uma lasca dum calhau rolado de quartzite. A figura de baixo e da esquerda é uma ponta ou raspador (?) resultante do lascado repetido dum calhau rolado de sílex, de que ainda se conserva parte da superfície primitiva. A figura de baixo e da direita é uma linha da ponta de seta de sílex. (Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$).

do lascado da face superior e da face inferior que é só lascada nesta porção terminal. O gume é denticulado devido a retoque miúdo, ou a pequenas lascas que talvez indiquem vestígios de utilização.

(1) No trabalho cit. *A estação lítica da Marissa*, publicado no documentário trimestral «Moçambique» de Lourenço Marques e de que não vi provas, os desenhos saíram por lapso aumentados ao dôbro, quando, conforme indicação dada no original, deviam ter sido reduzidos a metade para ficarem em tamanho natural. Por lapso se diz que os desenhos são meus, quando na verdade foram feitos pelo hábil desenhista Sr. Francisco de Sousa, preparador-conservador do Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto, que neste género é um verdadeiro especialista., e é o autor de todos os desenhos que ilustram o presente trabalho.

A ponta sub-triangular ou ovóide da figura 2 é também de sílex. Uma das peças de maiores dimensões é um raspador de quartzite, de gume vivo e sinuoso em consequência da alternância do lascado bifacial (fig. 2)

A estação da Marissa é da cultura de Wilton.

SANANDALA

A Sanandala ou M'Sanandala (1) é uma eminência em crista, com cerca de 3,5 km. de extensão, por onde segue a estrada de Tete à Chicôa, ao passar ao lado da serra Chissua, a uns 28 km. antes da Chicôa.

Quem vem desta circunscrição para Tete, antes de iniciar a pequena subida para a Sanandala, nota grande quantidade de calhaus quartzosos que constituem uma verdadeira sementeira de pedras a um lado e outro da estrada.

De mistura com calhaus de quartzo e de quartzite, mais ou menos rolados e de vários tamanhos, aparece uma areia quartzosa de grão grosso e irregular, muita dela do tamanho de cabeças de dedos e outra como grãos de milho. Há calhaus de arestas vivas, predominando no entanto os elementos grosseiramente rolados.

Do alto do primeiro cabeço, disfruta-se um vasto panorama. Há junto uma pequena bacia de ondulações suaves, literalmente semeada de pedras. A vegetação é escassa e o seu aspecto, talvez por essa escassez e pela pobreza do terreno, é diferente da outra que rodeia esta mancha, já naquela altura (24 de Outubro 1937) formada por copas verdes, enquanto as árvores daquela bacia cascalhenta não tinham ainda fôlhas. À passagem para o Fíngoè em 24 de Setembro de 1937, parámos na Sanandala para,

(1) É palavra composta de *m'sana*, que significa crista ou coisa saliente, — é assim p. ex. que designam a espinha dorsal — e de *andala*, que quer dizer comprida, que leva tempo a passar.

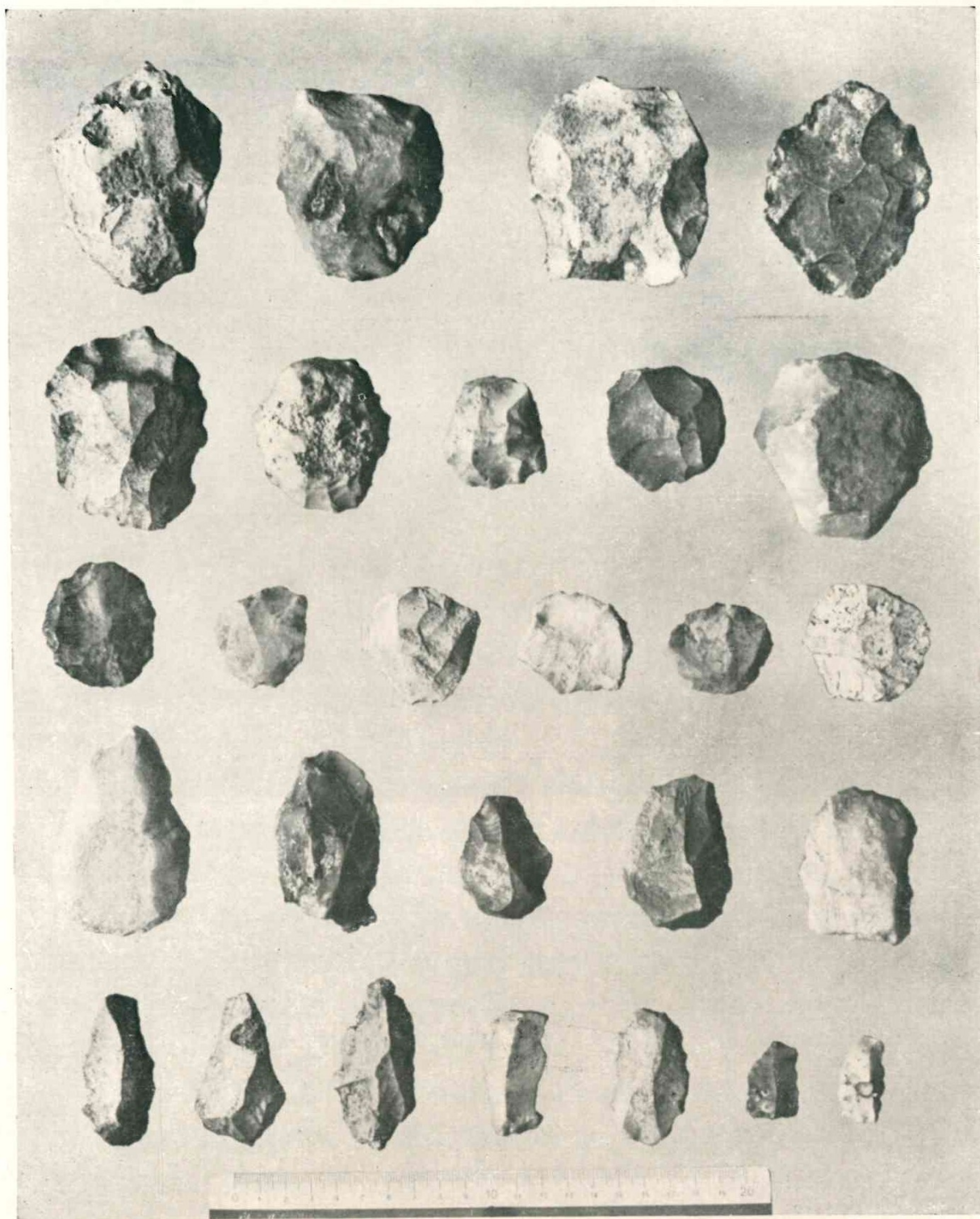


Fig. 3 — *Sanandala*. Coups-de-poing (?), raspadores, pontas e lâminas.

de binóculo em punho, vemos a serra do Zumbo, que o meu companheiro, Luiz dos Santos, então chefe da Polícia Civil de Tete, dizia poder avistar-se dali. Notei no chão uma pedra curiosa com o aspecto de calcáreo, mas que afinal era de sílex, e, ao procurar outra pedra para quebrar uma amostra para o Museu de Mineralogia da minha Faculdade, deparo com um lindo raspador de sílex avermelhado, alongado e apenas grosseiramente trabalhado na ponta. É um raspador que se pode comparar ao tipo que os pre-historiadores ingleses chamam *thumb nail scraper*. Procuo mais e logo encontro lascas de sílex e pontas de quartzo hialino. Durante 3 horas, debaixo dum sol ardente, fiz uma larga colheita.

Quando em 24 de Outubro de 1937 ali passei outra vez, no meu regresso do Zumbo, fiz nova colheita, também durante cêrca de 3 horas. Todos os objectos foram colhidos à superfície, e apenas pude pesquisar uma pequena faixa de pouco mais duma dezena de metros a um lado e outro da estrada.

A primeira zona da Sanandala, quem vem de Tete, numa extensão dumas duas centenas de metros, foi aquela onde colhi maior número de instrumentos.

Os dois quilómetros que avizinham a vertente do lado da Chicôa foram ràpidamente pesquisados, parando aqui e acolá. Ficou-me a impressão de que ali a estação é pobre.

Não pude, por falta de tempo, percorrer tôda a mancha de calhaus que se estendem a um lado e outro da Sanandala; no entanto, pela rápida prospecção que fiz, julgo que a estação lítica não se deve afastar muito da crista que a estrada segue.

A maioria dos instrumentos é de sílex. Há alguns de quartzo leitoso e muito poucos de quartzo hialino (fig. 3). Encontrei apenas dois calhaus rolados de quartzite lascados nas duas faces de modo a resultar um gume cortante o que lhes confere, especialmente a um dêles, a qualidade de machadinhas (*hachettes*).

Predominam os raspadores e dêstes os de forma circular,

alguns dêles lascados a tôda a roda (figs. 4 e 5). Há também alguns *side-scrapers* e ainda um ou outro *end-scra-per*, tendo sido um raspador dêste tipo, um *thumb nail scraper*, a primeira peça com que

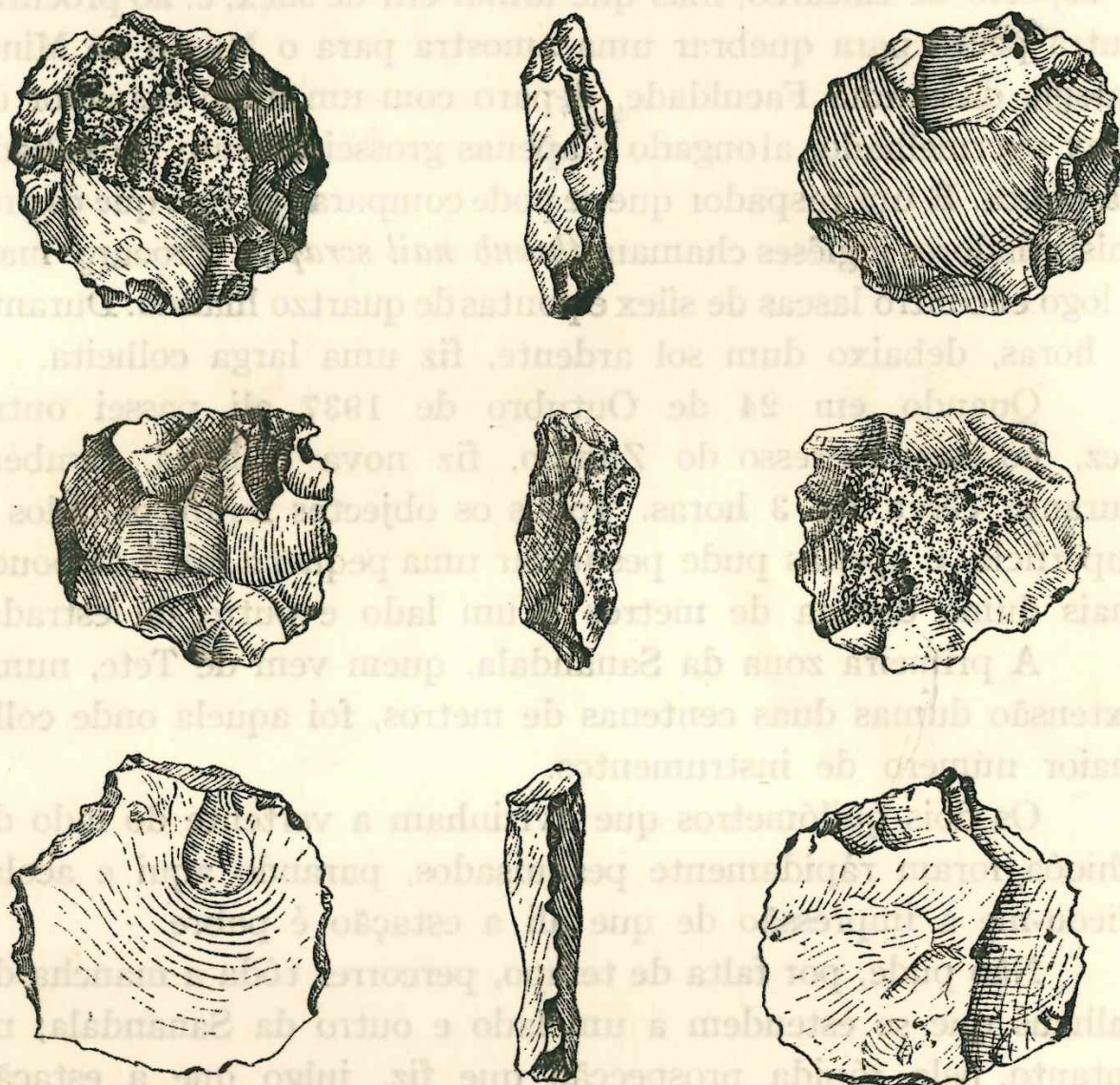


Fig. 4 — *Sanandala* — Raspadores circulares de sílex. (Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$)

deparei. Há ainda um pequeno número de lâminas, algumas delas de pequenas dimensões, a ponto de quâsi as podermos considerar verdadeiros micrólitos. Também apanhei alguns núcleos, e um grande número de lascas, muitas delas com ligeiros retoques, e outras mesmo com retoques múltiplos, «*encoques*», etc.

Encontrei e trouxe algumas pontas de quartzo e bastantes peças de sílex rudemente talhadas nas duas faces e mais ou menos acuminadas, que podemos classificar como grosseiros, coups-de-poing. A par destes bifaces há a grande quantidade dos que são talhados com lascas só numa das faces. Aparecem também algumas peças mais ou menos acuminadas e de forma sub-triangular ou losângica, que, à falta de melhor, se podem considerar como grosseiras pontas de seta (fig 6).

As peças de sílex apresentam uma pátina branca que con-

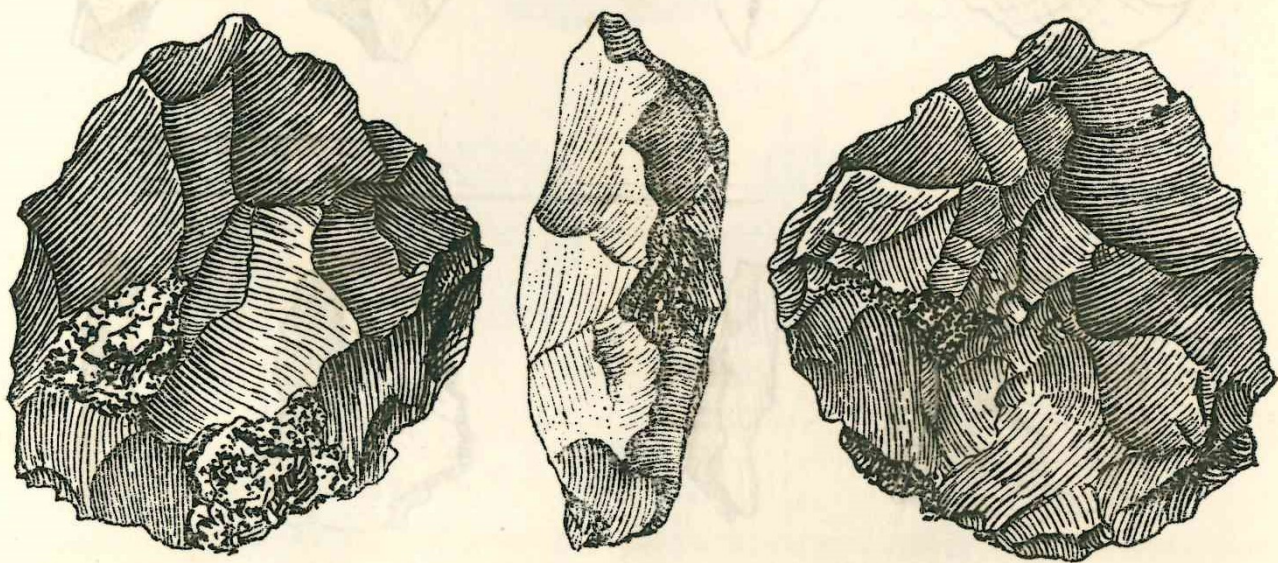


Fig. 5 — *Sanandala* — Grande raspador circular de sílex (Reduzido a $\frac{2}{3}$).

trasta com a cor castanha escura da rocha nas fracturas recentes. Há algumas poucas peças, pouco patinadas, embora da mesma tipologia das precedentes. Infelizmente, dada a rapidez das minhas pesquisas, as colheitas que fiz foram de superfície e, portanto, apenas disponho da tipologia para classificar esta estação, que é indubitavelmente do *middle stone age complex* sul-africano, sem no entanto poder filiá-la em qualquer das culturas que se costumam abranger no complexo mesolítico da África do Sul, Stillbay, Pietersburg, Mosselbay etc., e cuja cronologia relativa ainda não está também suficientemente esclarecida.

Em face da abundância dos instrumentos e especialmente da grande quantidade de lascas (*déchets de taille*) é lícito supor que a Sanandala tenha sido um centro de fabrico, embora não

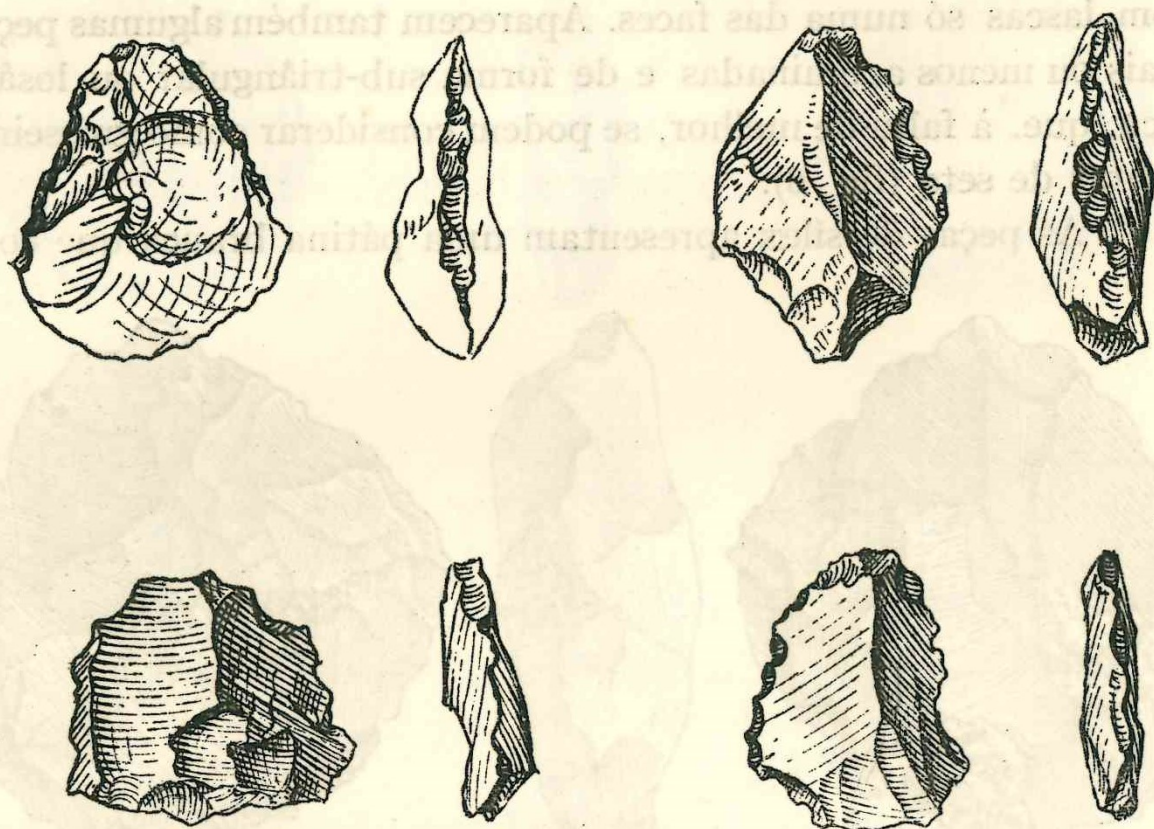


Fig. 6 — *Sanandala* — Pontas de seta (?) e raspadores. A de cima e da esquerda é de quartzo hialino. As restantes peças são de sílex. (Desenho em tamanho natural)

possa pôr-se inteiramente de lado a hipótese da existência local dum remoto agregado populacional.

INDJUZE

O Indjuze ou Mundjuze é um sítio na estrada da Chicôa ao Fíngoè, que fica a cerca de dois quilómetros além do ponto onde entronca a estrada que segue para a Chipera. Ali existe, a uns 60 ou 70 metros à direita da estrada, um pequeno cabeço

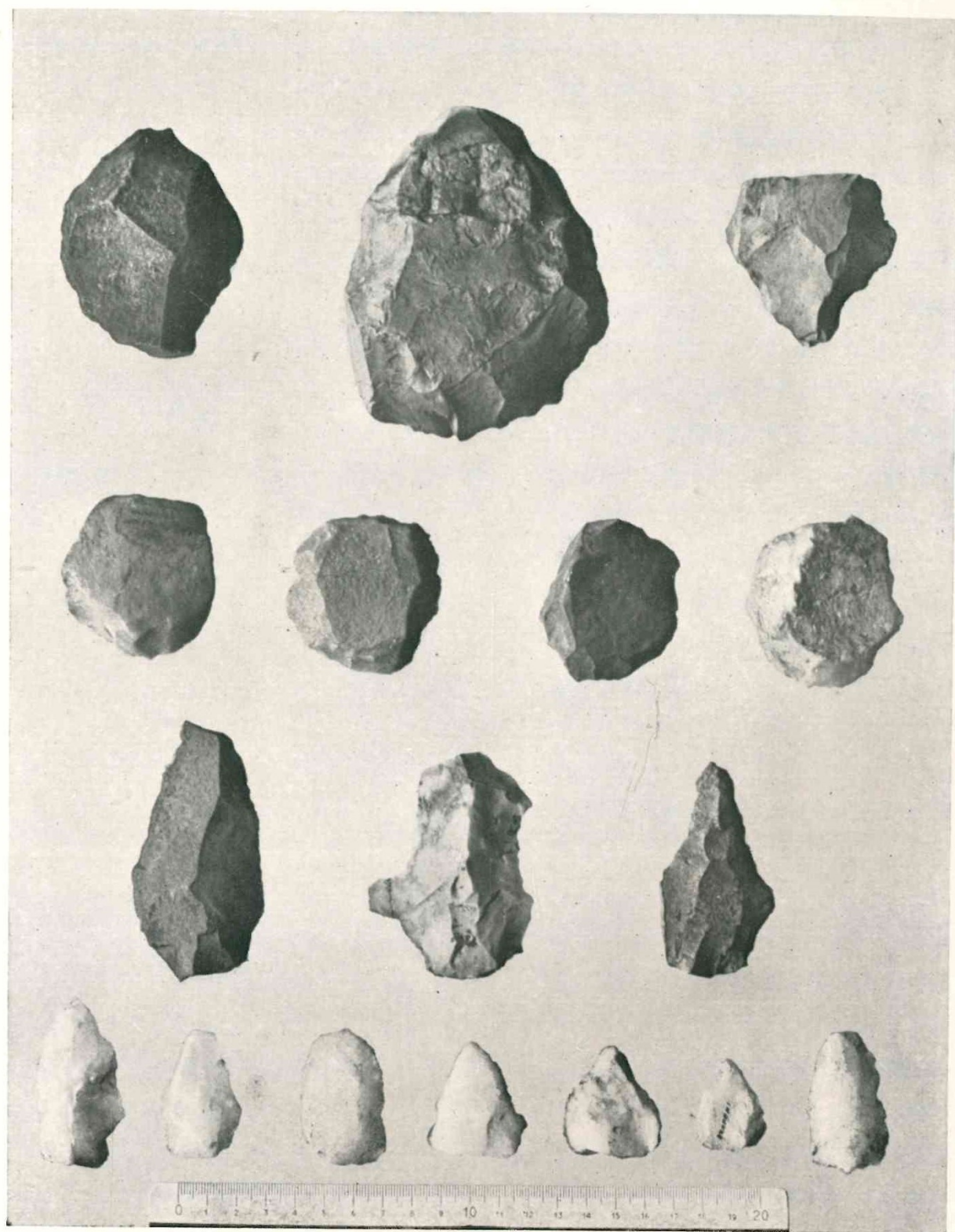


Fig. 7 — *Indjuze*. Coups-de-poing, raspadores e pontas

com grandes pedregulhos de granito. Quando em 24 de Setembro de 1937 ali passava, notei um penedo em forma

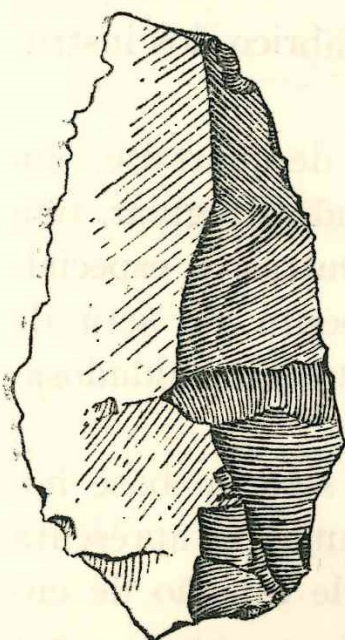
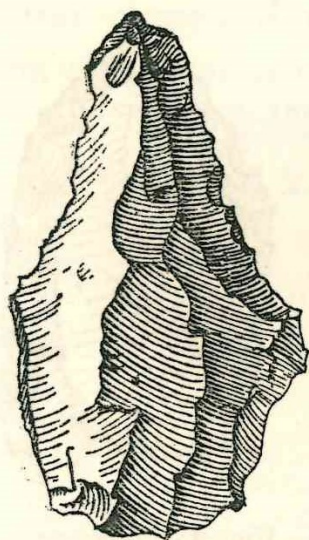


Fig. 8 — *Indjuze* — Pontas de lança. A de cima é de sílex e a de baixo é de quartzite.
(Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$)

de pala que me feriu a atenção. Resolvi parar e ir inspeccioná-lo. Afinal o penedo nada tinha que interessasse. Mas ao deitar os olhos ao chão, não sei como, descobro uns pequenos sílices talhados que foram o incentivo para procurar mais. Pesquisei rapidamente a vertente para o lado da estrada e apanhei um grande número de raspadores, de lâminas e de pontas de seta e de lança (fig. 7).

Em 27 de Setembro, no regresso do Fíngôe voltei a parar no Indjuze e durante quasi duas horas fiz nova colheita de instrumentos líticos de sílex, de quartzito e de quartzite.

O cabeço do Indjuze, que fica a pouco mais de 50 m. da estrada, tem no alto uma série de penedos de granito dispostos em fiada. O terreno vai subindo suavemente até meia distância do alto

e depois sobe mais empinado até aos penedos.

Quando a inclinação começa a acentuar-se, vêem-se muitas pedrinhas brancas de quartzo e algumas de quartzite espalhadas numa faixa de terreno que, com uns 20 m. de largura, se estende ao comprido da ladeirinha e paralelamente à crista pedregosa.

Para lá do alto do cabeça, na vertente suave que dêsse lado vai até ao *mecurro*, também encontrei alguns instrumentos líticos, embora em muito menor profusão do que na vertente do lado da estrada. Não pude dispor de tempo para fazer sequer uma escavação sumária. Apanhei à superfície raspadores, pontas de seta e de lança (fig. 7, 8 e 9) e alguns buris. Há peças de sílex, de quartzite e de quartzo, e dêste último, umas de quartzo leitoso, outras de quartzo hialino, e ainda outras de lindo quartzo róseo. A diversidade do material empregado no fabrico dos instrumentos dá-lhes aspectos muito diferentes.



Fig. 9 — *Indjuze* — Ponta de seta de quartzo hialino. (Desenho em tamanho natural)

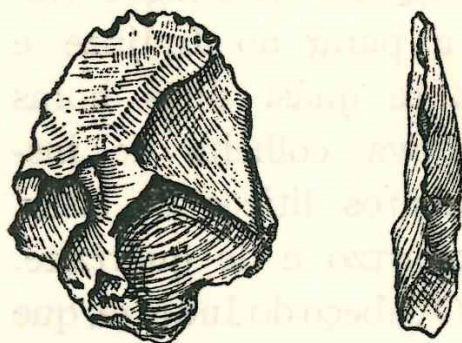


Fig. 10 — *Indjuze* — Ponta de seta de sílex. (Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$)

Algumas peças de quartzite, em consequência do lascado irregular, têm uma certa rudeza. Outras, e especialmente uma linda ponta de seta de quartzo hialino (fig. 9), são cuidadosamente retocadas.

Há pontas de seta de base horizontal, e encontrei uma que apresenta na base um esbôço de espigão de encaimento (fig. 10).

Há raspadores em disco, com lascado contínuo a tôda a roda, outros só talhados na ponta (*end scrapers*) e outros só lascados dum lado (*side scrapers*).

A variedade tipológica desta estação de superfície não nos

permite mais do que asseverar que estamos em presença de mais uma estação pertencente ao *Midle Stone Age Complex* sul-africano, como a Sanandala, se bem que o Indjuze pela sua tipologia possa ser considerado dum grau evolutivo superior.

INDJUZE 2.º

Uns 20 quilómetros além do Indjuze ou Mundjuze, que, como se disse, fica 2 kms. além da estrada de Chipera, encontrei

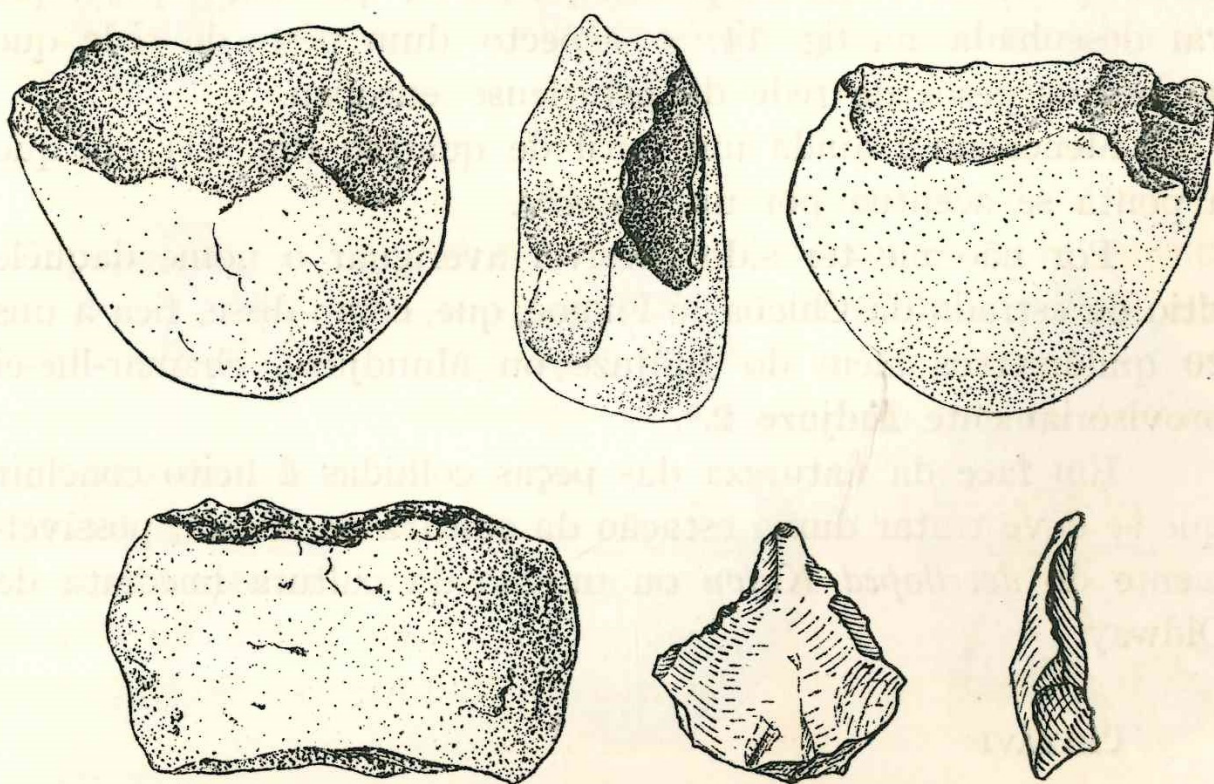


Fig. 11 — *Indjuze 2.º* — Em cima: machadinha de quartzite. Em baixo: à esquerda, pêso de rede; à direita, buril. (Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$)

uma grande quantidade de calhaus rolados, dum lado e doutro da estrada, o que me levou a fazer uma rapidíssima prospecção.

Colhi umas duas ou três dúzias de lascas de quartzo e de quartzite com gumes pouco vivos, talvez devido a um certo

grau de rolamento ou a embotamento por utilização repetida. As peças mais curiosas são um coup-de-poing de quartzite, curto e grosso, biface, de talhe rude e de tipo nitidamente chelense. Uma outra peça também de quartzite tem o gume quasi rectilíneo; é uma machadinha também obtida por lascado grosseiro nas duas faces (fig. 11). A pátina do lascado duma das faces é semelhante ao da superfície primitiva do calhau rolado. As lascas da outra face são muito menos patinadas. Um outro calhau rolado foi quebrado em dois lados opostos, originando faces um tanto aplanadas e mais ou menos paralelas, que dão à peça, que vai desenhada na fig. 11, o aspecto dum pêso de rêde que lembra os pesos de rêde do asturiense europeu.

Mencionarei ainda um buril de quartzo (fig. 11) em que a ponta se acentua por um *encoche*.

Por não me ter sido possível averiguar o nome daquêle sítio da estrada da Chicôa ao Fíngoè, que, como disse, fica a uns 20 quilómetros além do Indjuze ou Mundjuze, chamar-lhe-ei provisoriamente Indjuze 2.º.

Em face da natureza das peças colhidas é lícito concluir que se deve tratar duma estação da cultura de Kafou, possivelmente do *develloped Kafou* ou mesmo da cultura imediata de Oldway.

CHITÁVI

O mais interessante dos meus achados de estações líticas zambezianas é seguramente o do Chitávi na margem da estrada da Chicôa ao Zumbo, precisamente no local donde parte a estrada que leva ao Carinde. É também uma estação de superfície.

Em 14 de Outubro de 1937 seguia para o Zumbo quando, à esquerda da estrada, à distância de cerca de 100 metros, vi reluzir por entre as árvores sem fôlhas um montículo esbranquiçado de calhaus

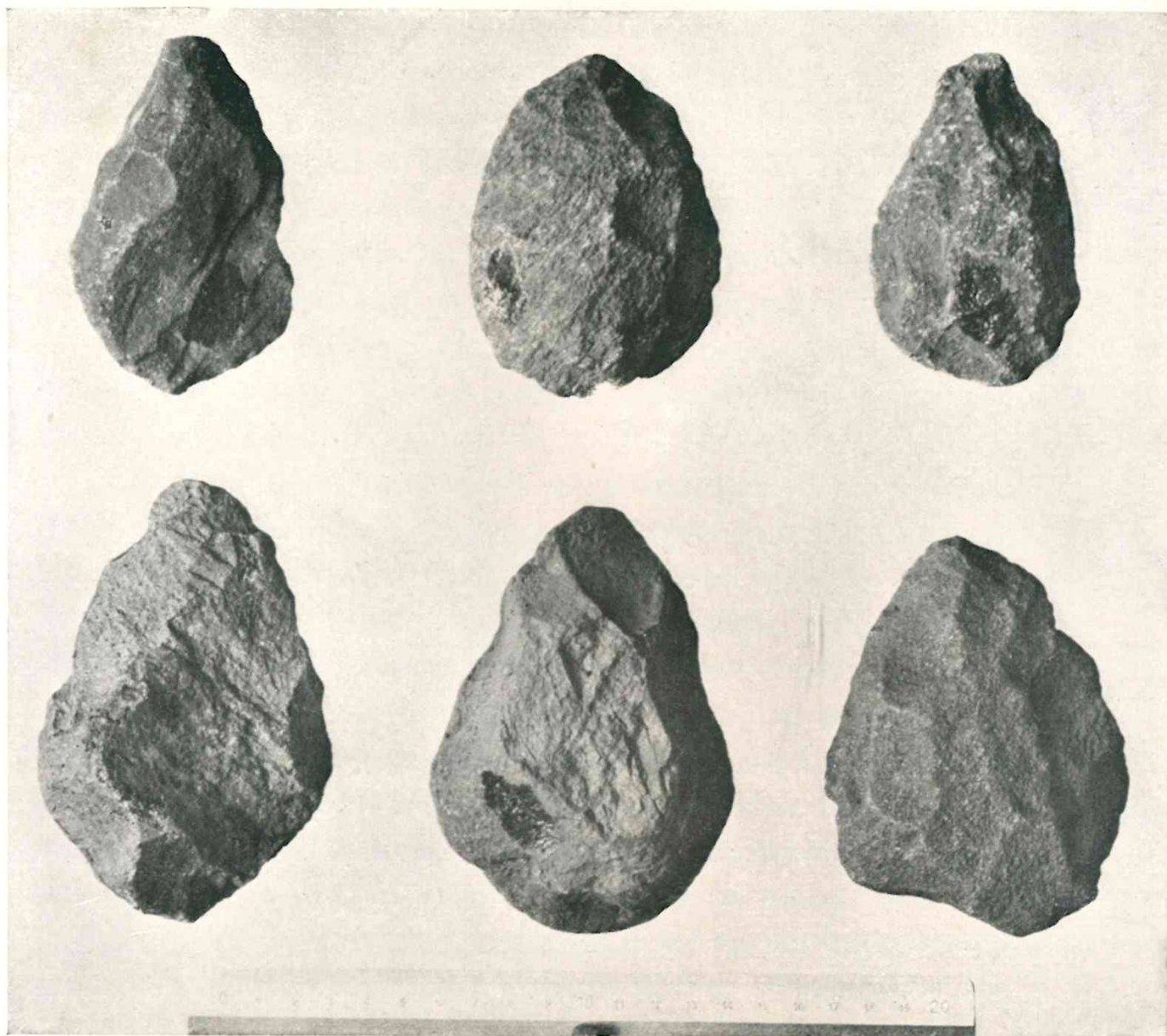
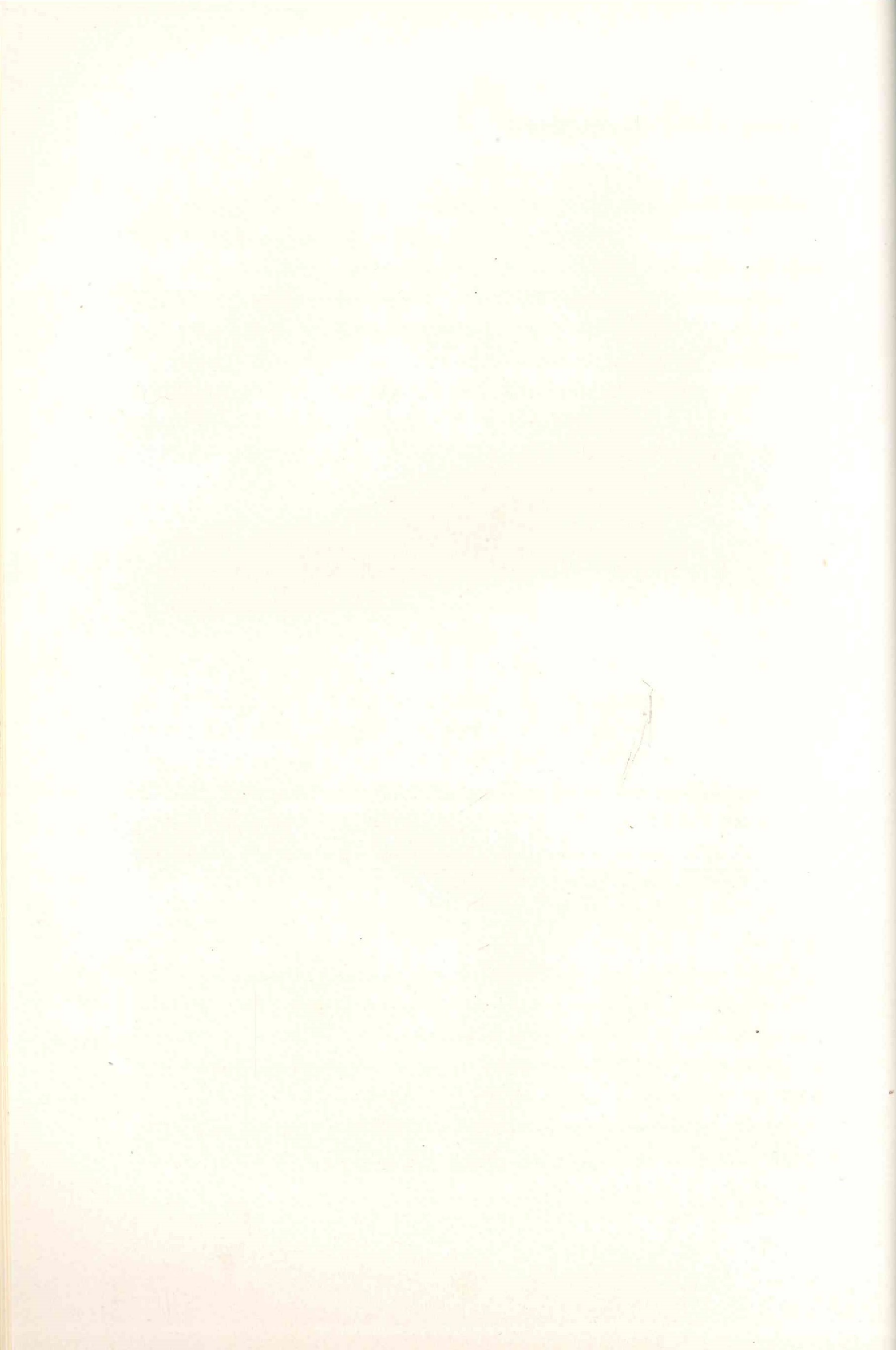


Fig. 12 — *Chitávi*. Coups-de-poing.



rolados. Estávamos no Chitávi, onde a floresta apresenta aqui e acolá clareiras, nas quais há cabeços pouco altos, de forma mais ou menos regular, semeados de muitos calhaus rolados pequenos, especialmente de quartzo, e também alguns de quartzite.

Logo de entrada encontro um excelente coup-de-poing paleolítico de tipo chelense.

Durante quási 3 horas, debaixo dum sol ardente, fiz uma larga colheita de instrumentos. Já passava das 15 h. e meia quando retomei a marcha para o Zumbo, onde algumas dezenas de pretos me esperavam para os observar e medir.

Voltei ao Chitávi em 18 de Outubro e pude então pesquisar uma área maior e colhêr mais alguns coups-de-poing chelenses de basalto e quartzite muito bem patinada.

A par de instrumentos característicos do tipo chelense (*pear-shaped*), há alguns cujo lascado lembra a técnica acheulense, bem como numerosos raspadores e uma grande quantidade de peças frustes que formam vasta transição entre calhaus de simples utilização (eólitos) e os irrefutáveis coups-de-poing.

Ao lado de instrumentos bem patinados, com arestas boleadas, há peças com arestas vivas. Apareciam também alguns calhaus rolados de quartzite, lascados sòmente numa das faces, onde com 2 ou 3 lascas se cria um gume por intersecção da superfície das lascas com a superfície rolada de quartzite.

As peças resultantes recordam o asturiense europeu e aproximam-se da indústria africana de Kafou (Uganda).

Há também idênticos calhaus rolados, de quartzite, mas lascados nas duas faces, o que determina um gume irregular e sinuoso devido à alternância das lascas.

As peças mais características são os coups-de-poing chelenses de tipo Stellenbosch (figs. 12 e 13).

Colhi também muitas lascas de quartzite que apresentam ligeiros retoques ou talvez vestígios de utilização.

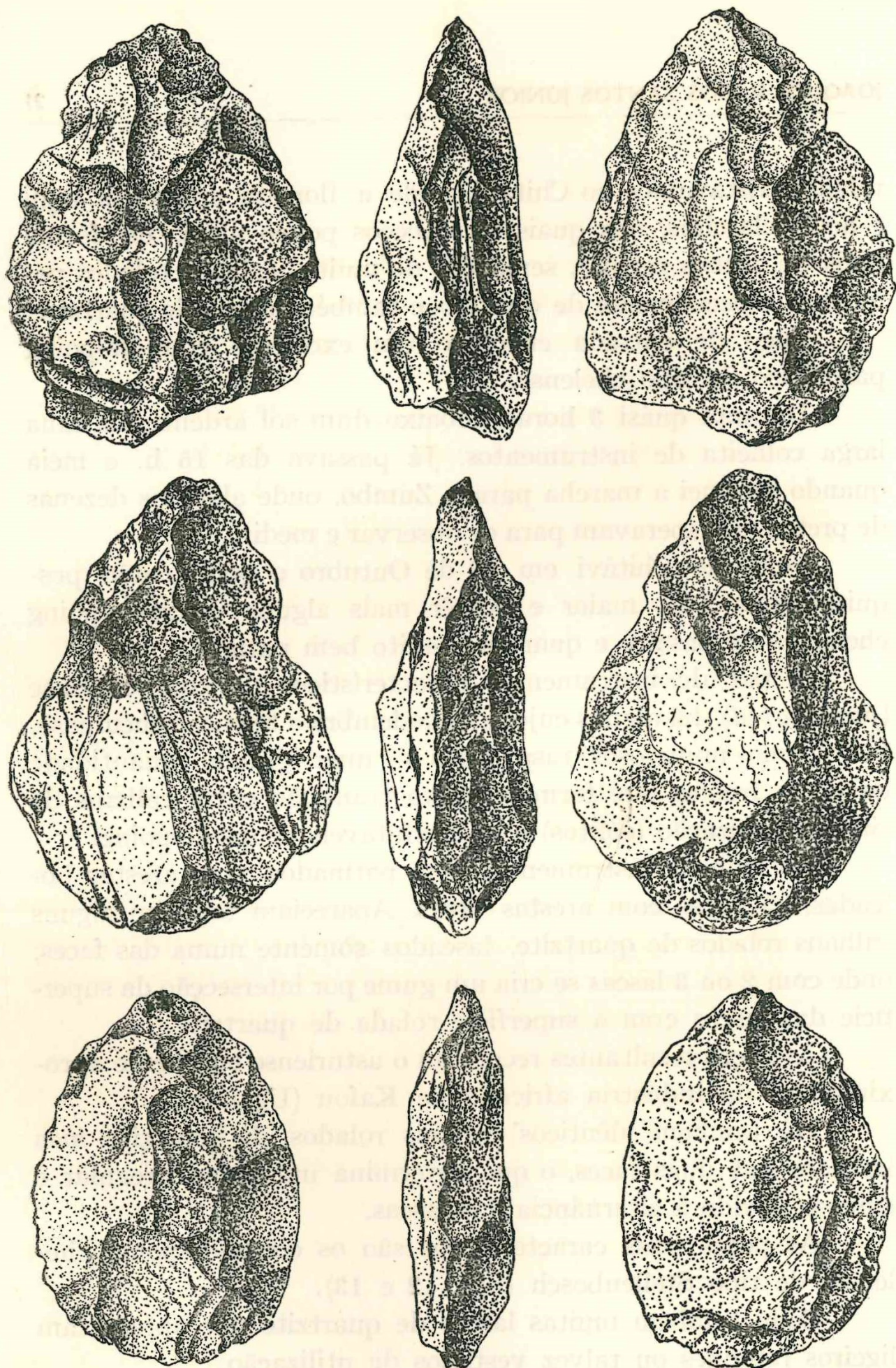


Fig. 13 — *Chitávi* — Três excelentes coups-de-poing. O de baixo é do tipo amigdalóide e corresponde, certamente, a um nível superior de cultura em relação aos dois precedentes. (Desenho reduzido a metade)

Algumas peças são particularmente curiosas por apresentarem, em paralelo com faces bem patinadas, outras de aspecto mais recente. Trata-se de sobreposição de culturas. Outras peças, muito grosseiramente lascadas, aproximam-se nitidamente da indústria de Oldway de que há várias estações no Tanganica e na Uganda, e nesta, especialmente em Nsongezi. Hesito em classificar o Chitávi como Stellenbosch inferior (*Lower Stellenbosch*) que, como é sabido, é caracterizado principalmente por formas chelenses de tipo evolucionado e outras formas de tipo acheulense.

Como vimos, de tudo isto colhi no Chitávi. Em face da dominância das formas chelenses e do grande número de lascas, é lícito considerar a estação como do Stellenbosch inferior, embora, como vimos pela descrição do material colhido nela, possamos considerar vários graus de cultura. De resto há ainda que acentuar a existência de alguns calhaus rolados aos quais se fez saltar um pequeno número de lascas, em regra duas ou três, que determinam um gume cortante, e transformam os calhaus em machadinhas ou picos que lembram na forma o asturiense do sudoeste europeu, e constituem os *prechellean pebble tools* dos pre-historiadores sul-africanos. Em 1938, ao visitar as colecções do «Musée de l'Homme», em Paris, ao ver ali a colecção de Fauresmith, fiquei impressionado pela semelhança flagrante entre algumas daquelas peças e outras que colhi no Chitávi. A cultura de Fauresmith é caracterizada por coups-de-poing pequenos e bem feitos, associados com pontas alongadas, lâminas e *side scrapers*. Se é certo que no Chitávi faltam as lâminas (*blades*), há no entanto um ou outro coup-de-poing desta estação da Zambézia portuguesa que se aproximam dos da cultura de Fauresmith, a qual, de resto, tem características do Levalloisiense e da cultura do coup-de-poing cheleo-acheulense.

NHANCUAZE

Em 18 de Outubro de 1938, vindo do Zumbo para o Chitávi, tínhamos andado uns 20 ou 21 quilómetros apenas, quando notei uma larga mancha de calhaus rolados, dum lado

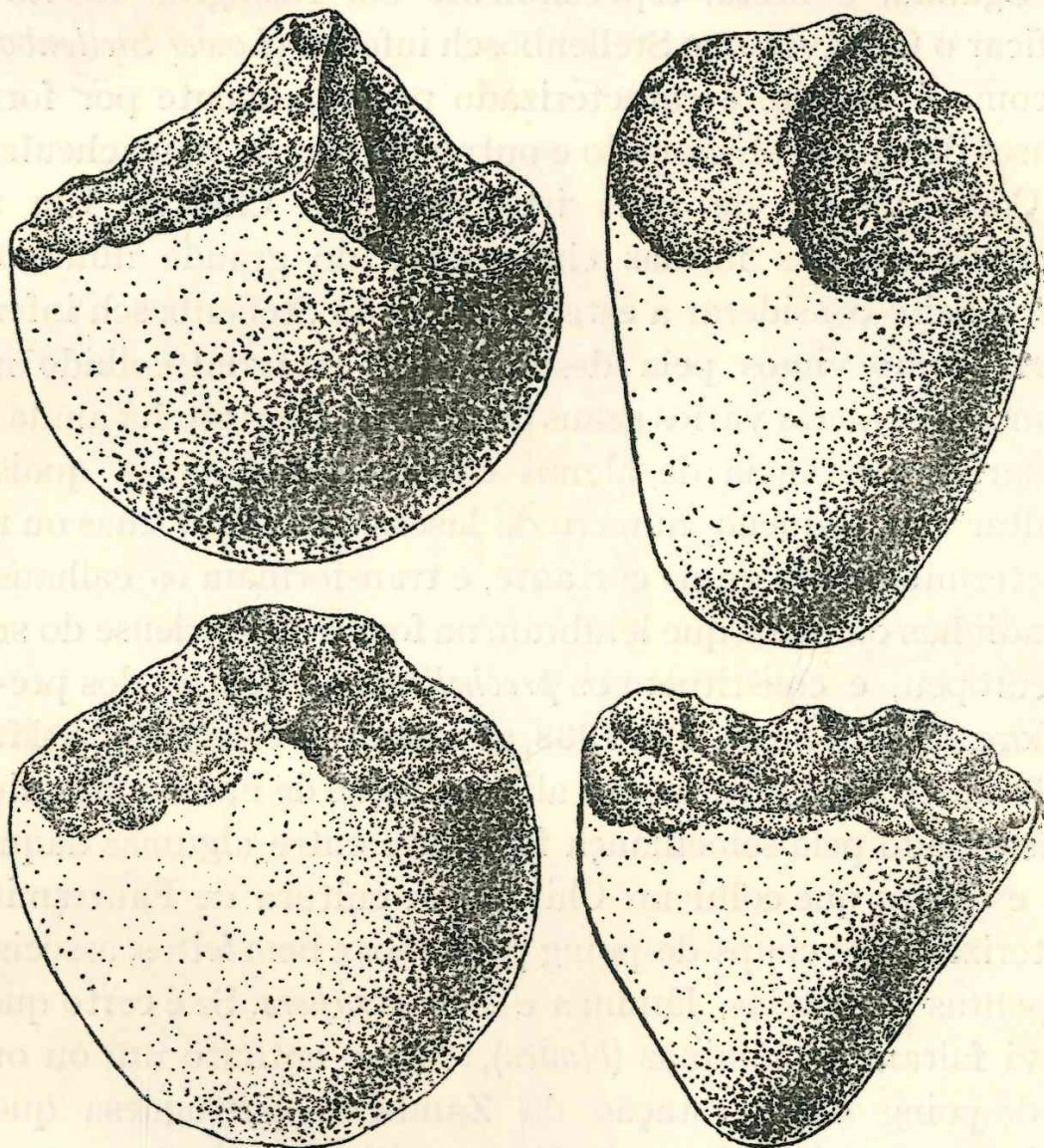


Fig. 14 — *Nhancuaze* — Quatro calhaus rolados de quartzite, lascados em pico ou em machadinha. O primeiro de cima e da esquerda é nitidamente um pico de tipo asturiense. (Desenho reduzido a metade).

e doutro da estrada. Ao sítio chamam Nhancuaze ou Nhancuázi. Logo de entrada encontro umas machadinhas obtidas de calhaus

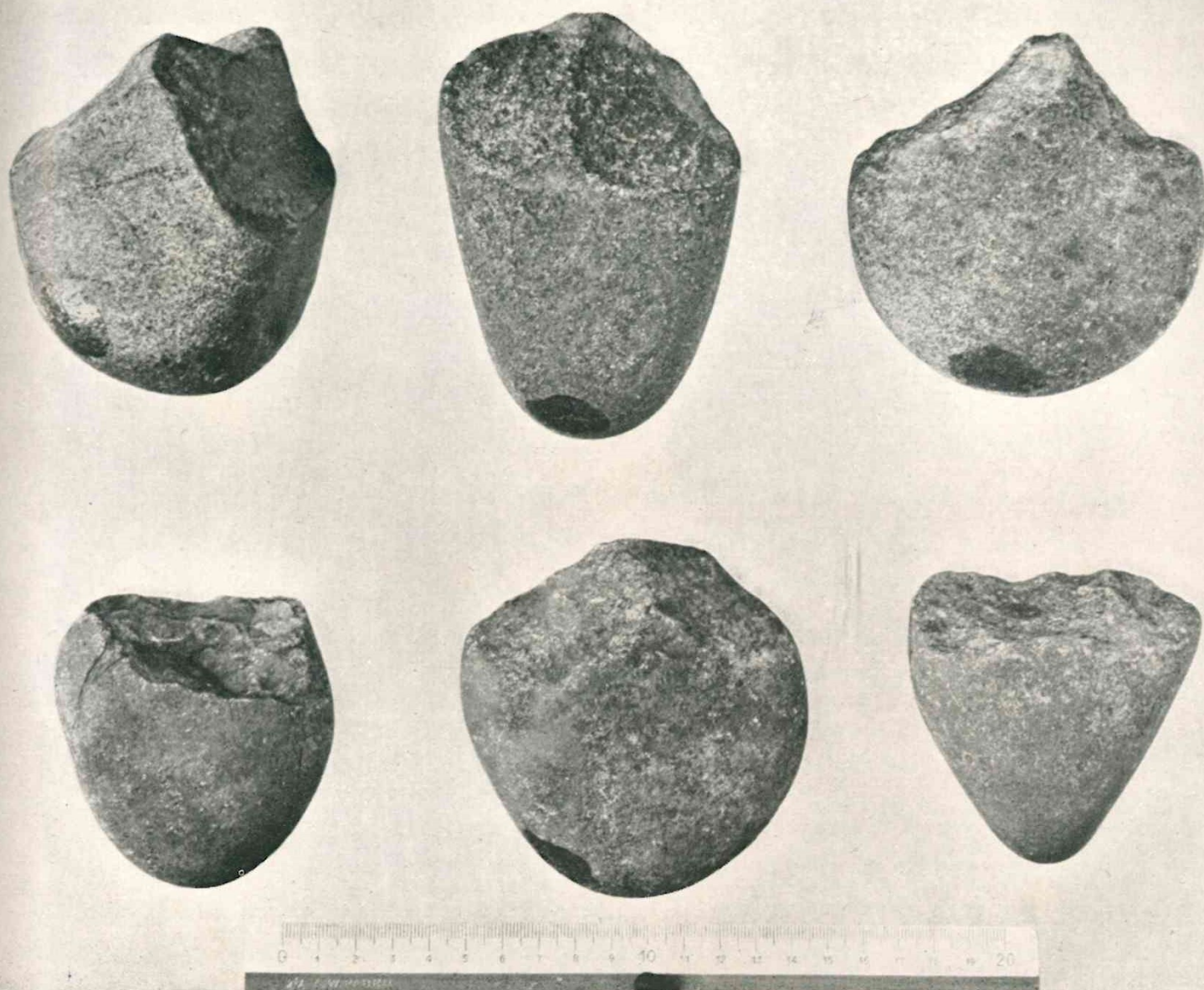
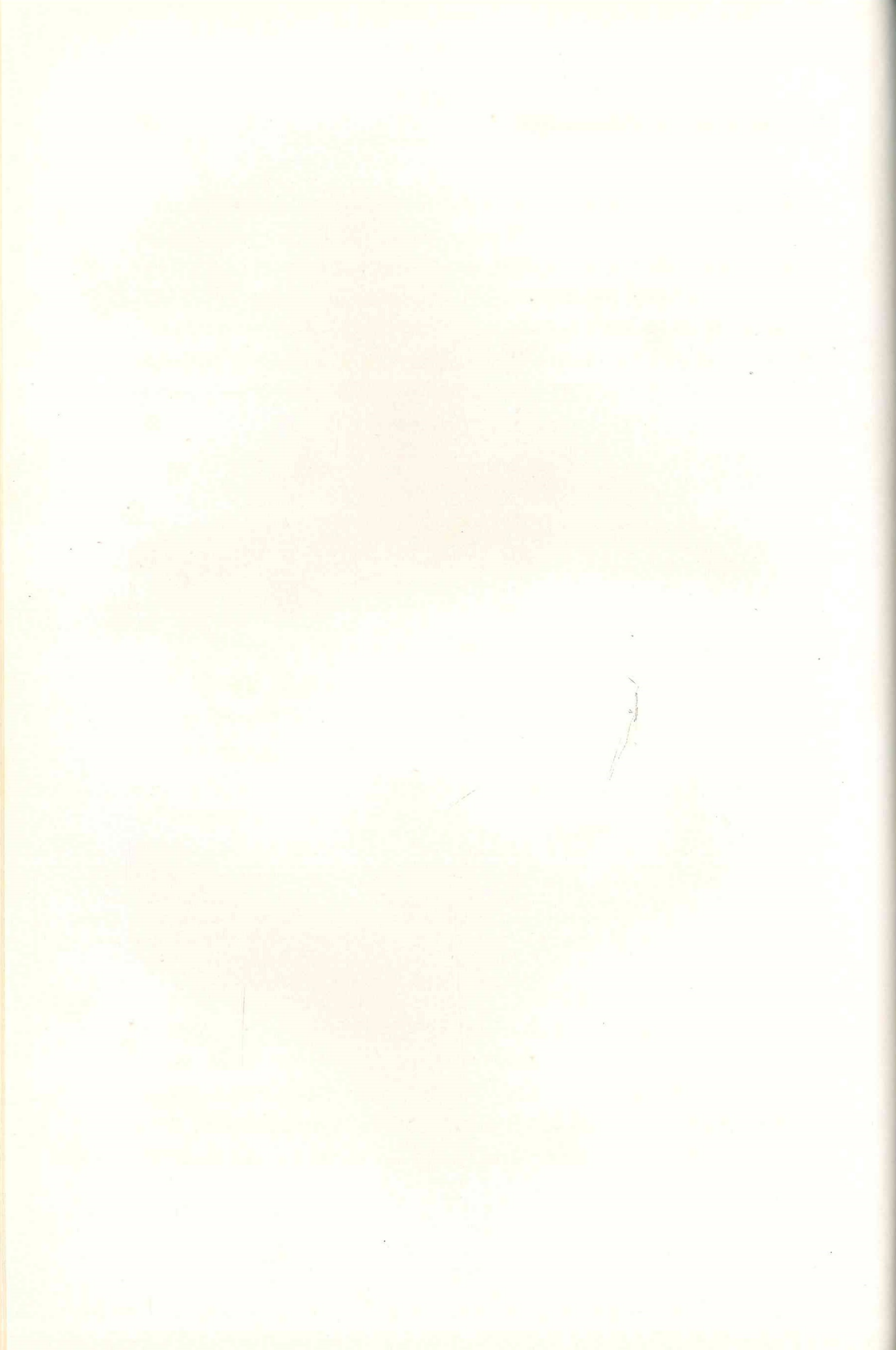


Fig. 15 — *Nhancuaze*. Calhaus rolados de quartzite lascados em picos e em machadinhas.



rolados, de quartzite, pelo lascado só duma face e num dos extremos do calhau (figs. 14 e 15). Um pequeno número de lascas, quasi sempre duas ou três, raras vezes mais, determina um gume cortante por intersecção da superfície irregular destas com a superfície lisa da quartzite. Por vêzes o lascado é feito de tal modo que, em vez dum gume mais ou menos horizontal, origina uma ponta mais ou menos saliente e acuminada, que dá ao instrumento o aspecto dos picos asturienses do sudoeste europeu.

Numa rápida prospecção, pois o tempo de que dispunha era pouco, apanhei umas 20 ou 30 quartzites lascadas, machadinhas e picos. Um grande número destas peças (*pebble tools*, dos pre-historiadores sul-africanos), são muito bem patinadas e com arestas boleadas, o que atesta a sua primitividade.

A técnica é indubitavelmente a da indústria Kafouense ou dos calhaus rolados lascados (*galets taillés*).

Por falta de elementos de comparação e de bibliografia, não posso estabelecer com segurança a individualidade da indústria de Nhancuaze, que, sendo do tipo da indústria de Kafou, se afasta, em tipologia particular, das peças que vi em Paris, no «Musée de l'Homme», da Uganda, Rivière de Kafou, e das da indústria de Oldway também da Uganda, Rivière de Muzizi.

Note-se que não encontrei qualquer outra indústria em Nhancuaze. Machadinhas e picos, e nada mais. É certo que a escassa meia hora de pesquisas não me permite formular outra conclusão que não seja esta: Nhancuaze é estação do tipo de Kafou com tipologia particular.

O aspecto especial dos instrumentos de Nhancuaze, a sua excelente pátina e a circunstância de não ter encontrado outras peças líticas associadas com as machadinhas e picos referidos, conferem a esta estação uma certa singularidade.

Só explorações mais demoradas permitirão estabelecer

com segurança as particularidades que parece existirem nesta estação.

De resto, dispondo apenas da tipologia, as ilações a tirar sobre ela não seriam irrefutáveis. Trata-se além disso duma estação de superfície constituída por calhaus rolados, de quartzite, lascados (*pebble tools* ou *galets taillés*), que, como é natural, não se prestam a grandes modalidades de técnica.

SUSSA

Em 14 de Outubro de 1938, ao seguir da Chicôa para o Zumbo, a 17 quilómetros além do Mâgué, parei para inspeccionar um cabecito onde vi calhaus rolados.

Fiz uma rápida pesquisa que foi pouco frutuosa. Apanhei algumas lascas pouco características de quartzo, um pedacito informe de sílex, um raspador de quartzite feito duma lasca de calhau rolado, um núcleo também de quartzite e alguns pedaços de quartzo, pequenos, com dois a três centímetros, apresentando uma aresta viva, que, especialmente em dois exemplares, são nitidamente retocados mais em gume cortante do que propriamente em raspador (*tranchets?*)

Foi tão rápida a prospecção e tão escassos os elementos colhidos que nem sequer formulo a cronologia provável desta estação que não quis, no entanto, deixar de assinalar.

ZUMBO (HOSPITAL E FORTE)

O meu colega e condiscípulo Dr. Amadeu Gonçalves, médico do quadro colonial, que foi sub-delegado de saúde no Zumbo, hoje médico em Angola, e a quem em Tete mostrara

o fruto das minhas colheitas na Sanandala e no Indjuze, pedindo-lhe que, no Zumbo, procurasse encontrar coisas semelhantes, descobriu no terreno que circunda o hospital indígena uma lâmina de quartzo hialino, pequena, não chegando a atingir 4 cm. de comprimento, e uns raspadores também pequenos.

Na minha estadia no Zumbo, em Outubro de 1937, pesquisei não só à roda do hospital, mas também no terreno que se estende ao longo da muralha do forte de D. Luiz. Ali apanhei umas 2 ou 3 dezenas de lascas de quartzo hialino, algumas com gume afeiçãoado por retoque miúdo (fig. 16).

Apanhei também uma série microlítica de lascas de quartzo hialino, tôdas elas apenas com cêrca de 2 cm. de comprimento.

Ê digno de especial menção um crescente de quartzo hialiano, com 3 cm. de comprimento, e uma ponta também de quartzo, mas leitoso.

Encontrei uma lasca de quartzo, calote dum calhau rolado, que foi afeiçãoada num lindo raspador circular de perto de 5 cm. de diâmetro. Êste raspador e mais duas lascas de quartzo também afeiçãoadas no gume, que é acentuadamente cortante, (*tranchets*) são as peças maiores da minha colheita.

A grande maioria são pequenas lascas, algumas mesmo microlíticas. Isto combinado com a presença do lindo crescente de quartzo hialino a que fizemos especial referência, e com a reserva que a exigüidade da colheita justifica, leva-me a atribuir esta estação à cultura de Wilton, havendo de resto um acentuado grau de parentesco entre a estação do Zumbo e a da Marissa também na margem do rio Zambeze, mas muitos quilómetros a juzante.

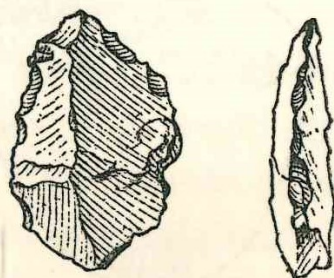


Fig. 16 — Zumbo (hospital e forte) — Ponta de sílex. (Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$)

TETE

A sul de Tete, ou melhor a sudeste, nas ondulações que para além do quartel da 7.^a companhia indígena se estendem paralelamente ao rio, encontrei uma meia dúzia de peças, dentre as quais evidencio as três que vão desenhadas na fig. 17.

A primeira, uma machadinha de gume ligeiramente arqueado, que resultou da combinação do lascado nas duas faces do calhau rolado de quartzite.

A mesma fig. mostra outra peça do mesmo tipo da precedente,

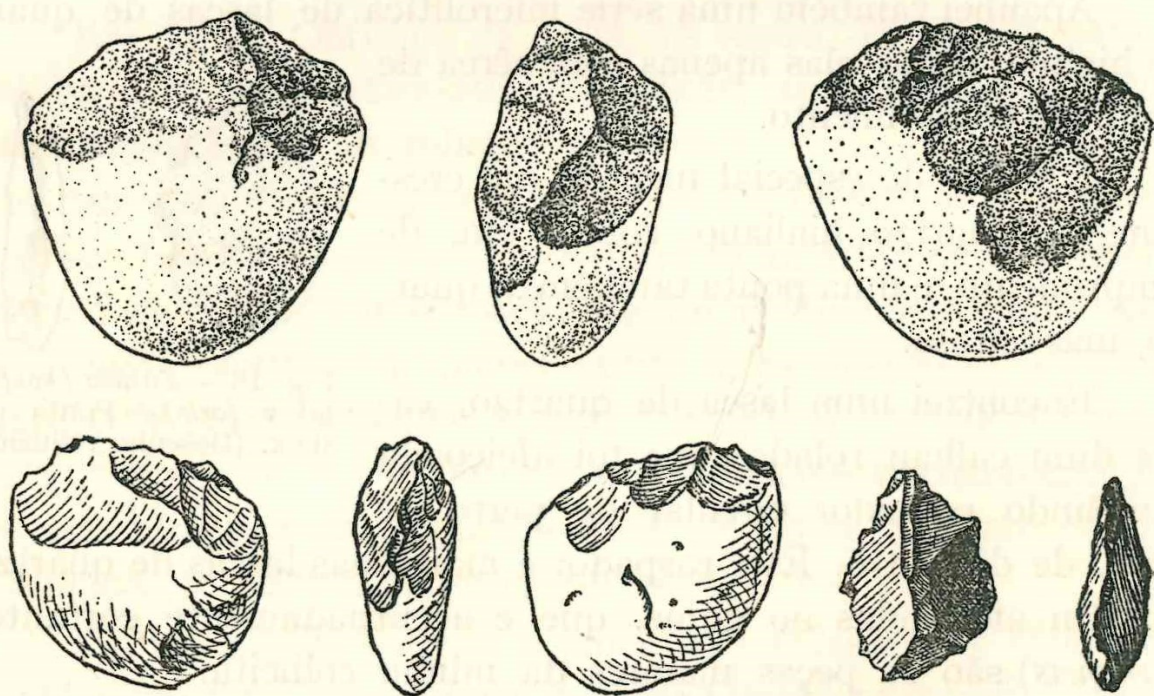


Fig. 17 — Tete (junto do quartel da 7.^a companhia indígena) — A machadinha de cima é de quartzite. A de baixo e da esquerda é feita dum calhau rolado de quartzito. A ponta de seta que figura em baixo e á direita é de sílex.
(Desenho reduzido a $\frac{2}{3}$)

mais pequena e obtida à custa dum calhau de quartzito, rolado e espalmado.

A terceira peça é uma ponta de sílex de côr avermelhada, cujo facetado a fig. 17 bem mostra.

Trata-se de peças indubitáveis. Dada porém a escassez do material colhido, nem sequer formulo opinião sobre a sua cronologia, se bem que, pelas machadinhas de quartzite e de quartzo que descrevi e vão desenhadas (*pebble tools*), fôssemos levados a atribuir-lhe uma certa primitividade.

Só colheitas futuras, que oxalá eu possa vir ainda a fazer, poderão, pelo fornecimento de maior número de instrumentos, dar os elementos indispensáveis para classificar com segurança esta estação paleolítica situada às portas de Tete.

MAVITA

O Sr. M. H. da Cruz, conservador do Museu da Beira, fez uma comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que tive o prazer de ler em sessão científica de 14 de Junho de 1938, na qual se referiu duma maneira especial às ruínas da *Zembe* e da *Mavita* ao sul de Vila Pery, a primeira ao norte e na margem esquerda do rio Revué, e a segunda ao sul e na margem direita do mesmo rio.

O trabalho do Sr. M. H. da Cruz, a que não perdi então o ensejo de me referir com o encómio justo e merecido, foi apreciado com louvor pelo Sr. Prof. Doutor Mendes Corrêa.

Na comunicação referida, lê-se:

«Ainda outra ruína foi encontrada perto de Mavita onde também vimos um túmulo. Neste mesmo local foi encontrada uma estação paleolítica da qual obtivemos vários exemplares, entre eles um coup-de-poing, que nos parece de grande interêsse, além de outros pequenos objectos, como raspadeiras, pontas de lança e fragmentos de pedra lascada.»

VALE DO LIMPOPO

No sul da colónia, o Eng.º Lereno Antunes Barradas, que ali trabalha há anos nos serviços hidráulicos de regularização do curso do rio Limpopo e irrigação do vale daquêle curso de água, descobriu várias estações paleolíticas, nas quais fêz colheita de numerosos instrumentos, especialmente coups-de-poing de tipo Stellenbosch e outros.

Alguns dêsses instrumentos estão em depósito no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Lisboa, onde os vi em Março de 1939.

Oxalá que no mais curto prazo o Eng.º Lereno Antunes Barradas, nosso ilustre confrade, possa dar a merecida publicidade ao material das suas excelentes descobertas.

Limitar-me-ei a indicar as procedências das peças que se conservam no Museu da Associação dos Arqueólogos:

Inguenha, 3 instrumentos.

Guijá Velho, 2 instrumentos.

Churenzo (?), 1 instrumento.

Entre *Maregenga* e *Magai*, 1 instrumento.

Uma lasca de calhau rolado afeiçoada em raspador, um excelente coup-de-poing, ou, melhor, machadinha, de perfil enconchado, e uma lâmina de rocha negra ardosiada não têm indicação de proveniência.

*

Pelo que respeita à Idade da Pedra em Moçambique, temos portanto o seguinte:

Um instrumento neolítico da ribeira do Búsi;
os sílices lascados do rio Monapo; os concheiros

(Kjoekenmoeddings) de Palma; as estações Zambesianas de Marissa, Sanandala, Indjuze, Chitávi, Nhancauze, Sussa, Zumbo e Tete; no vale do Limpopo, além de outras, as de Inguenha, Guijá Velho, Churenzo e entre Maregenga e Magai; no território de Manica e Sofala, a estação paleolítica de Mavita.

ARTE RUPESTRE

Um dos capítulos mais atraentes da pre-história sul-africana é o da arte rupestre (1).

Os territórios da União Sul-Africana e da Rodésia têm fornecido um grande número de estações de arte rupestre nas quais se encontram pinturas, especialmente de homens e animais, por vêzes bastante estilizadas, nomeadamente as figuras humanas.

Em Moçambique conhecem-se também algumas estações rupestres, sendo digno de especial menção o facto de, no séc. XVIII, a um pedido de informação da Academia Real da História, o prelado de Moçambique, na resposta, aludir à tradição de desenhos em rochas, clara e indubitável notícia, a primeira, da arte rupestre sul-africana. Ouçamos sôbre o assunto o Prof. Mendes Corrêa, Mestre eminente da Antropologia portuguesa:

«Ainda pelo que respeita à arte rupestre, os portugueses teriam uma prioridade a reivindicar na África do Sul. Antes, muito antes, de começarem autores estrangeiros a registar achados desta natureza, antes das magníficas descobertas clássicas de

(1) Arte rupestre (do latim *rupes*) é como o próprio nome indica arte sôbre pedra, ou seja os baixos relevos, gravuras ou pinturas que se encontram nas paredes e nos tectos rochosos de grutas e cavernas, em certas construções megalíticas, ou em singelos penedos ao ar livre.

Christol, já no séc. XVIII, o prelado de Moçambique, em resposta a um pedido que lhe formulara, sobre as ruínas de Zimbábue, em 1721, a Academia Real da História Portuguesa, informava existir a tradição de desenhos nas rochas, desenhos que representam cachorros, camelos e outros animais, assim como de alguns letreiros que tinham sido atribuídos aos abexins e aos companheiros duma rainha que ali aportara e cuja comitiva subira o rio em lanchas, à procura de ouro. Era uma alusão, de-certo, à rainha de Sabá.» (1).

Até 1905 parece que os portugueses não voltaram a falar de documentos de arte rupestre de Moçambique. Nesse ano o Sr. Portugal Durão (2), adepto da teoria que atribue aos fenícios a construção de Zimbábue, em conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, afirmava: «A actividade fenícia deve ter-se estendido a tôda a região que vai do Limpopo ao Niassa. No alto da serra do Chifumbázi existe ainda, conservada durante séculos, uma inscrição que parece de origem fenícia, e ainda há pouco, nos trabalhos de avanço do Maggie's Luck, se descobriram galerias cuja entrada tinha sido completamente obstruída por séculos de aluviões» (3).

O Almirante Gago Coutinho, aero-navegador de fama mundial e habilíssimo cartógrafo de raro merecimento, comunicou-me, em conversa, que também numa conferência feita na Sociedade de Geografia de Lisboa se referira às pinturas do Chifumbázi e fizera até a projecção de fotografias das mesmas.

(1) Mendes Correia, *Pre-História de Moçambique — Um plano dos estudos*, in «Anais da Fac. Ciências do Pôrto», vol. XX, Pôrto, 1936, pág. 172.

(2) Distinto oficial superior da Marinha de Guerra Portuguesa que foi Director das Minas da Companhia da Zambézia.

(3) Apud Mendes Corrêa, cit. pág. 173.

Em 1909 o capitão alemão Spring, «bem conhecido pelas suas viagens e fotografias de interesse geográfico», fez uma viagem em Moçambique cujo fim principal eram «explorações e fotografias geográficas» o qual, a pedido de Staudinger, levou para Berlim «fotografias de inscrições em pedra» e «interessantes contas de vidro e de conchas, semelhantes às que aparecem noutras regiões de África». Tudo isto colhido em escavações por êle realizadas.

Staudinger, que dos achados de Spring deu notícia numa comunicação à «Zeitschrift für Ethnologie» (1), fala dos «sinais rabiscados que Spring tomou como inscrição mas que não se podem tomar como letras» e que estão nuns rochedos em Chicolone na região de Manu.

Wiese (2), que a Staudinger enviou relatórios e desenhos,

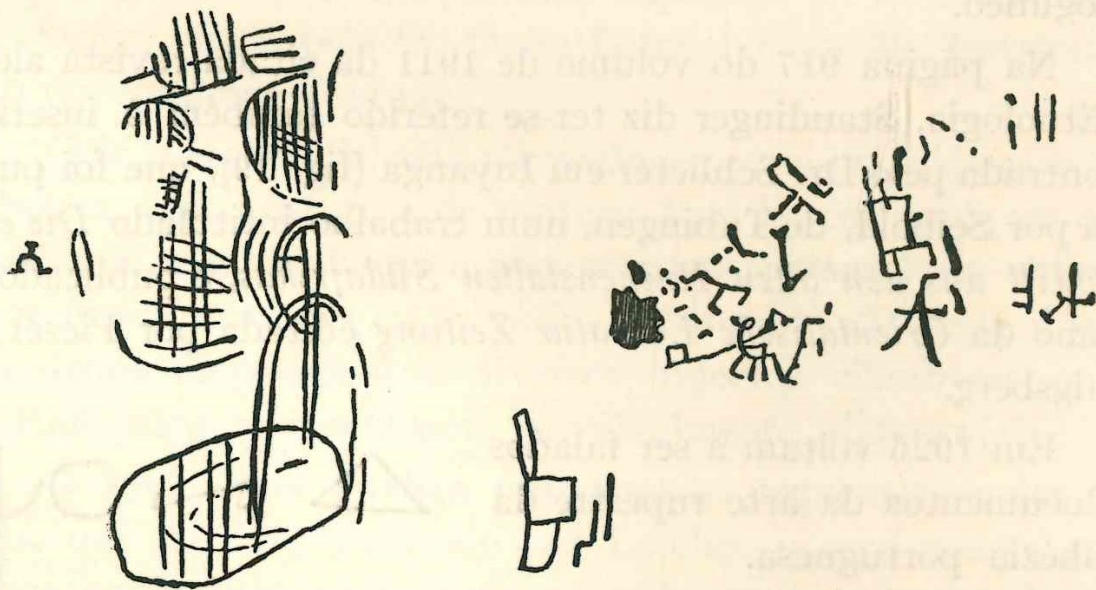


Fig. 18 — Reprodução das figs. 2 e 3 da pág. 141 do trabalho de Staudinger cit. no texto. O desenho da esquerda representa pinturas de Chicolone e o da direita, pinturas de Katzombo — Tshipeta (sic.).

(1) Staudinger, *Funde und Abbildungen von Felszeichnungen aus den alten Goldgebieten von Portugiesisch — Sudostafrika*, in «Zeitschrift für Ethnologie», Berlin, 1911, pág. 141, fig. 1. Esta figura está invertida, ficando na justa posição depois de sofrer uma rotação de 180.º.

(2) Id., id., id., pág. 142.

quer directamente, quer por intermédio do Sr. Shweinfurth, também fêz escavações em Chicolone.

Staudinger, no mesmo artigo que vamos seguindo, fala depois do novo achado de Spring perto de Katzombo (sic) na região Tshipeta. Spring para «poder fotografar esta inscrição teve de mandar lavar primeiro figuras de homens e de animais (talvez desenhos de boximanes) que estavam pintados no rochedo». Estas figuras lavaram-se facilmente, enquanto outros desenhos subjacentes ficaram indeléveis (fig. 18) por serem de data muito mais remota e certamente obra de outro povo.

Staudinger, prosseguindo, fala nos desenhos encontrados por Wiese, os quais diz terem sido publicados na fig. da pág. 538 do ano 1896 da mesma revista *Zeitschrift für Ethnologie*, e em sua opinião têm mais carácter de inscrições embora com aspecto hieroglífico.

Na página 917 do volume de 1911 da citada revista alemã de Etnologia, Staudinger diz ter-se referido também à inscrição encontrada pelo Dr. Schlicter em Inyanga (fig. 19), que foi publicada por Seibold, de Tübingen, num trabalho intitulado *Die erste Inschrift aus den alten Ruinenstalten Südafrikas*, e publicado no 1.º ano da *Orientalische Literatur Zeitung* editada por Pieser, de Königsberg.

Em 1926 voltam a ser falados os documentos da arte rupestre da Zambézia portuguesa.

Transcrevemos de novo o já citado trabalho do Prof. Mendes Corrêa (*Plano de est. da Pre-história de Moçambique*, p. 22).

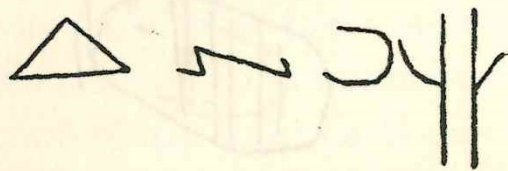


Fig. 19 — Gravura duma pedra do arco duma portada das ruínas de Inyanga (Rodésia do Sul, próximo da fronteira de Moçambique). Reprodução da fig. 4 da pág. 143 do trabalho de Staudinger cit. no texto

«No Livro *L'Alba dell'umanità e dell'arte* (Torino, 1926, pág. 311) deparei com a seguinte passagem: Spring no S. E. da África Portuguesa nas minas de Tschikoloni (Manu) e em Katzombo (Tschipeta) encontrou incisões esquemáticas antigas que parecem alfabéticas, juntamente com outras mais recentes de animais, obra sem dúvida de boximanes.»

Depois, em 1931, o ilustre Prof. Dart, da Universidade de Witwatersrand (Johannesburg) no *South African Journal of Science*, (T. XXVIII, 1931), publicou um trabalho sobre arte rupestre na África meridional, apresentado ao Congresso de Grahams-town da Associação Sul-Africana para o Progresso das Ciências, em que fala de novo das pinturas rupestres da nossa Zambézia que foram vistas pelo Sr. Owen Letcher, e por êle descritas em 1910 no *Rhodesia Journal*.

O Sr. Letcher diz: «Há ali qualquer coisa parecida com uma borboleta, uma tentativa de pintura dum barco, qualquer coisa semelhante a uma chama e vários outros presumíveis objectos. Entre êstes caracteres estão várias mãos mutiladas (isto é mãos com dedos amputados) e diversos objectos cilíndricos que o Sr. Hall julga representarem provavelmente aljavas» (1).

O Prof. Dart publica um desenho esquemático das pinturas, que lhe fôra fornecido por Letcher, o qual achou, numa buraca subjacente ao rochedo pintado, ossos e lascas de sílex que talvez tenham servido como pontas de seta. Refere que Wiese escavara na base do rochedo até 15 pés de profundidade,

(1) Apud Mendes Corrêa, op. cit. pág. 23, que transcrevi no meu trabalho *Pinturas rupestres do Chiſumbázi*, Documentário trimestral «Moçambique», vol. XIII, Março, 1938.

tendo achado uma grande quantidade de ossos que levou consigo para a Alemanha (1).

O Prof. Dart, por lapso, dá as pinturas de Chicolone como sendo do Chifumbázi, e o desenho esquemático fornecido por Letcher em má posição, pois em vez de ser ao alto deve rodar-se 45° sôbre a esquerda.

Para complemento da resenha sôbre arte rupestre de Moçambique direi ainda que o Sr. Jaime Lino (2), que foi administrador em várias circunscrições do distrito de Tete, nomeadamente na Macanga e no Zumbo, e que era um jornalista de qualidades e um apaixonado pelas belezas da Zambézia, me forneceu um desenho muito esquemático da «primeira linha dumas pinturas rupestres, muito diferentes das de Chifumbázi, que se encontram num grupo de rochas, na serra Chauremba, margem esquerda do Luíá, nas terras de Celisa. Os indígenas actuais dizem que já existiam quando os seus antepassados chegaram ao país. Supõem que essa inscrição tenha sido feita por *Molungo* (Deus). Têm-na em grande veneração, depondo nas suas proximidades várias ofertas pelas almas dos seus antepassados».

Desta inscrição, informou-me ainda Jaime Lino, Wiese (3) tirara uma fotografia que «enviou para a Sociedade Antropológica de Berlim».

(1) Em Novembro de 1938, quando visitei em Berlim o «Volkerkunde Museum», Schatzabel, director da secção de Etnografia africana do mesmo Museu, mostrou-me algumas fotocópias que existiam no arquivo e que tinham sido tiradas de chapas mandadas por Wiese. São provas de duas fotografias do abrigo de Chicolone, (uma delas invertida, isto é a fotocópia foi tirada pelo lado do vidro) e outra duma fotografia de alguns pectiniformes do abrigo do Chifumbázi. Schatzabel nada me soube dizer sôbre os ossos escavados por Wiese, que, em sua opinião, certamente se perderam.

(2) Jaime Lino, que vivia em Tete, aposentado há já muitos anos, faleceu este ano (31 de Março de 1940) no Hospital de Lourenço Marques, para onde fôra a-fim-de sofrer uma grave intervenção cirúrgica.

(3) Carl Wiese, súbdito alemão que viveu durante muitos anos no distrito de Tete, onde explorou as minas de ouro de Chifumbázi. Em 1908 era arrendatário dos prazos entre o Luíá e o Aruângua Grande.



Fig. 20 — *Chifumbazi*. Grande rochedo de quartzite que tem, na base em larga superfície de 10 metros de comprimento por 4 de alto, numerosas pinturas a vermelho.

CHIFUMBÁZI

Ficam as pinturas do Chifumbázi (1) num abrigo existente na base de enorme rochedo de quartzite (fig. 20), que fica quási no alto dum monte, distante 3 ou 4 quilómetros das minas do Chifumbázi situadas na circunscrição da Macanga, Tete.

O abrigo é protegido por ressaltos sucessivos do rochedo. As pinturas estendem-se irregular e descontinuamente dum ao outro lado do abrigo numa extensão de 10 metros, estando a pintura mais alta a 4 metros do chão. As côres são: vermelho claro, vermelho côr de tejôlo (côr dominante), vermelho escuro bôrra de vinho, vermelho alaranjado e branco.

São numerosos os sinais que ali se vêem pintados, e todos são do tipo esquemático ou estilizado.

São especialmente notáveis uns sinais pectiniformes que constituem o tipo dominante.

Há também barras paralelas, escalariformes e arborescentes.

Há alguns sinais tão delidos, que não é fácil distingui-
-lhes contornos precisos.

Ê particularmente curiosa uma fiada de oito manchas circulares, com cêrca de 2 centímetros de diâmetro cada uma, pintadas de vermelho e carregadas de circulozinhos regulares pintados de branco.

Do mesmo tipo há ainda uma mancha de côr vermelha, homogênea, em forma de palmilha, com 11 centímetros de comprimento por 4 centímetros de largura, tendo na metade estreitada, correspondente ao calcanhar, 42 circulozinhos ou pontos

(1) Sôbre estas pinturas publiquei uma notícia no vol. XIII do documentário trimestral «Moçambique» de Lourenço Marques, Março de 1938. Visitei o abrigo pintado do Chifumbázi, pela primeira vez em Outubro de 1936 e de novo em Novembro de 1937.

brancos, em cuja distribuição, um tanto irregular, pudemos no entanto distinguir uma fiada marginal. Nesta mesma categoria de sinais vermelhos com pontinhos brancos, há ainda uma elipse regular e alongada, com 8 cm. $\times$ 2,5 cm., pintada de vermelho escuro e nela 17 circulozinhos em distribuição marginal irregular.

Há, entre outros, um sinal ramiforme ou arborescente, vermelho, constituído por um traço a prumo de 26 cm. de altura e na metade cimeira por traços grosseiramente paralelos que dêle partem, todos mais ou menos na horizontal. São 6 traços para a esquerda e 8 para a direita.

Como dissemos, predominam os pectiniformes. Há-os de vários tipos e com um número variável de dentes.

Todos os sinais do Chifumbázi são do mesmo tipo esquemático ou estilizado. O único sinal que pode, talvez, considerar-se como uma tentativa, grosseira, de representação animal, encontra-se na superfície horizontal do primeiro ressalto que olha a terra. O sinal em questão dá a impressão dum cãozito. É provável, porém, que esta semelhança seja fortuita e não propriamente consequência da idealização do artista.

Qual o significado e cronologia das pinturas do Chifumbázi?

São perguntas de resposta difícil. Não pude, como seria para desejar, fazer uma escavação cuidada do terreno na base do rochedo de quartzite. Rebuscando a superfície do referido terreno, nada encontrei que merecesse interêsse arqueológico.

O estudo comparado das pinturas do Chifumbázi com outras da África do Sul, e especialmente da Rodésia, também pouco ou nada nos pode dizer, visto as pinturas do Chifumbázi constituírem, por assim dizer, documento *sui generis*. Como é sabido, a arte rupestre sul-africana é essencialmente animalista, rica de côr e dinamismo, atingindo por vêzes um realismo exuberante.

O carácter particularmente esquemático e geométrico das



Fig. 21 — *Mualalemba*. Monólito de granito da serra de Chicolone na base do qual, na mancha quadrada mais clara onde se vê um preto numa escada, existe um grande número de pinturas rupestres. Daí o nome do rochedo *mualalemba*, que à letra, e em língua indígena, significa «pedra escrita».

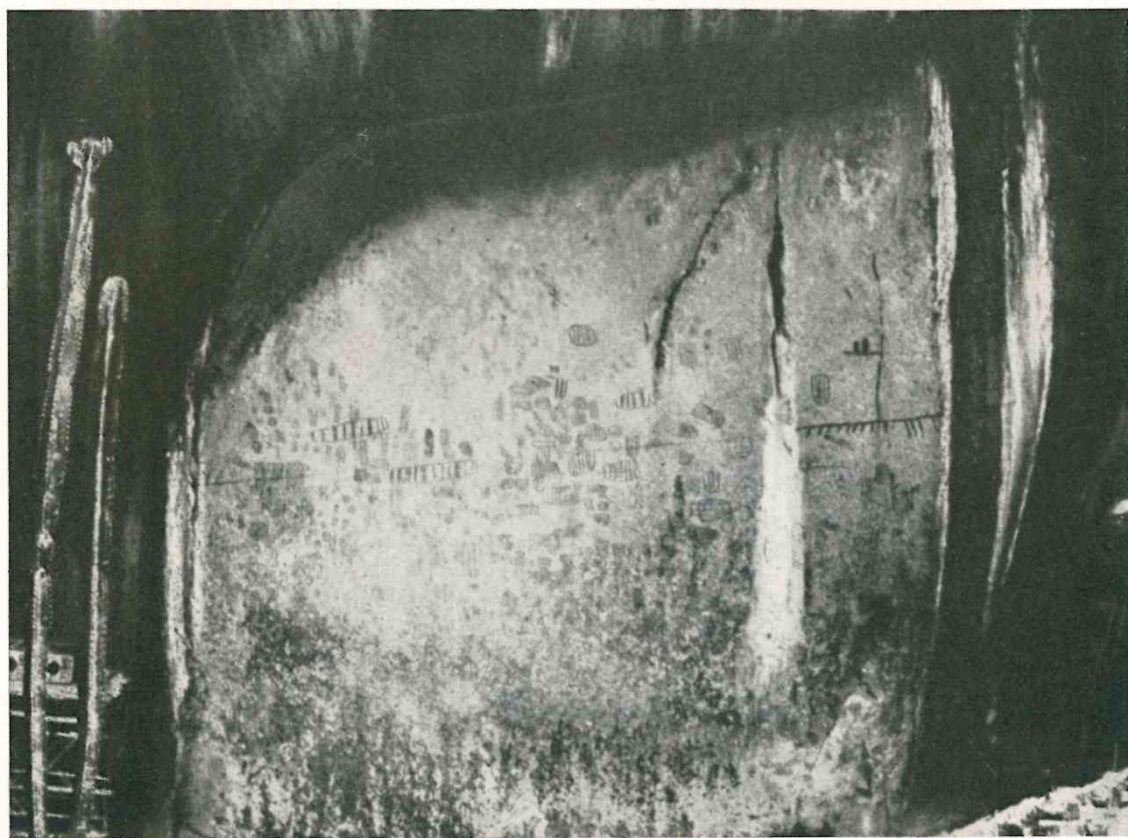


Fig. 22 — *Mualalemba*. Conjunto das pinturas rupestres.



Fig. 23 — *Muala Ulemba*. Pormenor do magnífico conjunto pictográfico rupestre da *muala ulemba*. Nesta gravura sobressaiem os dois escalariforme postos na horizontal. Há sinais em xadrezado, pectiniformes fiadas de barras paralelas, grande número de escalariformes, símbolos solares, círculos concêntricos, impressões de mãos, etc., etc..

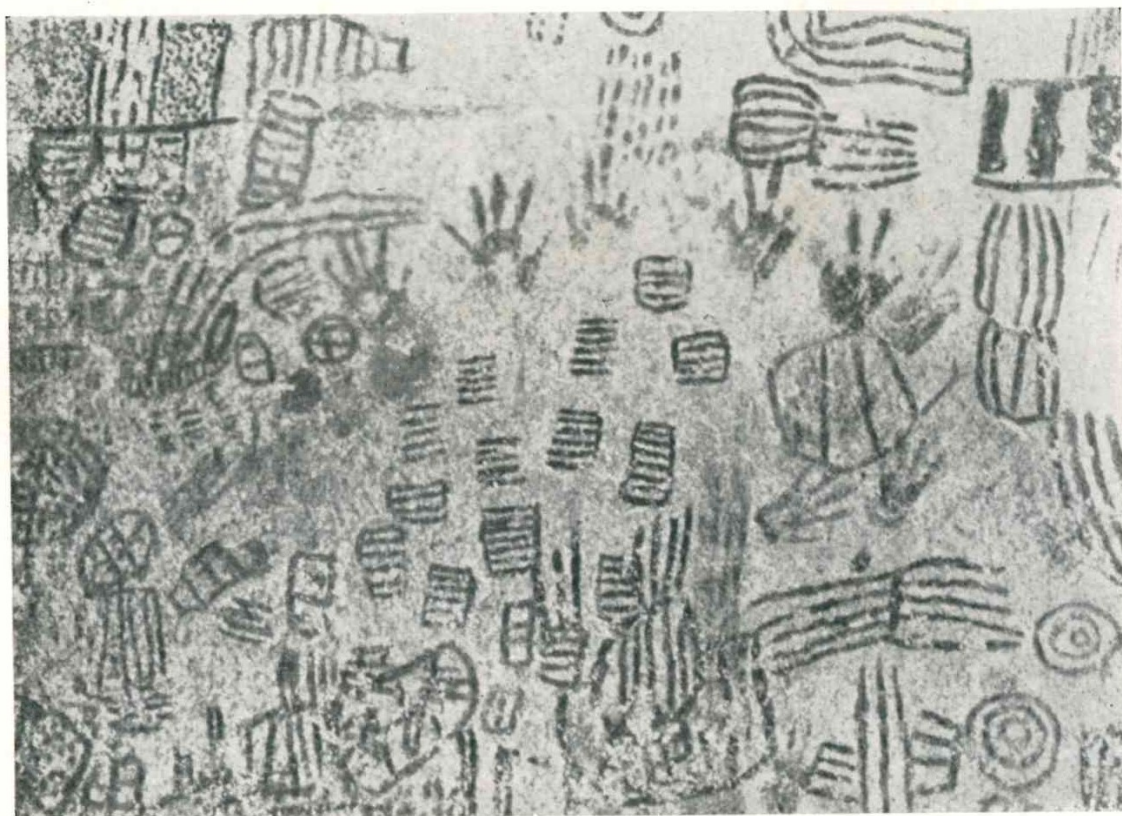


Fig. 24 — *Muala Ulemba*. Nesta porção, que constitui aproximadamente o quarto inferior esquerdo do conjunto pictográfico rupestre da figura precedente, vê-se, ao centro, uma série de escalariformes, pectiformes e barras paralelas tendo à roda impressões de mãos. Em toda a pedra contei pelo menos trinta impressões palmo-digitais, que me pareceram relativamente pequenas.

pinturas do Chifumbázi confere a esta notável estação da arte rupestre da Zambézia Portuguesa uma especial importância e interesse.

O significado das pinturas rupestres é assunto de grande controvérsia. Parece que em alguns casos a execução das pinturas teve em vista um significado mágico ou religioso. Inclino-me a supor que seja esta a natureza das pinturas do Chifumbázi.

Quanto à cronologia das pinturas rupestres sul-africanas em geral, sabe-se que os portugueses, quando descobriram esta zona da África e iniciaram a sua ocupação, encontraram os boximanes vivendo em plena Idade da Pedra e realizando ainda pinturas policrómicas nas paredes de grutas ou abrigos. Está averiguado que nas pinturas rupestres é possível, em alguns casos, distinguir diferentes sucessões cronológicas, sendo as pinturas correspondentes aos períodos mais recentes caracterizadas por uma baixa do mérito artístico e uma tendência para a esquematização mais ou menos geométrica. Parece, portanto, dada a natureza bastante estilizada das pinturas do Chifumbázi, que, ao tentar estabelecer-lhe uma cronologia relativa, as devíamos colocar nos períodos mais recentes da evolução da arte rupestre sul-africana.

CHICOLONE

Chicolone é o nome duma serra que fica a uns 40 quilómetros a poente ou melhor a noroeste do Chifumbázi.

Naquela serra há um enorme rochedo de granito (fig. 21) que na base apresenta uma face lisa, e nela uma grande quantidade de pinturas rupestres a que chamaremos pinturas do Chicolone. Os indígenas daquela região conhecem o rochedo pelo nome de *Muala ulemba*, que, à letra, quer dizer *pedra escrita*.

Em Novembro de 1937, dispondo já de barraca de campanha e de carregadores, parte dos quais levei comigo do Furan-kungo, pude procurar as pinturas de Chicolone.

Estas pinturas foram descobertas por Wiese, em 1907, que delas tirou fotografias que mandou para a Alemanha; em 1909, o capitão Spring procedeu a uma escavação de 5 a 6 metros de profundidade na base da *Muala ulemba* (1) e os objectos escavados foram também mandados para Berlim.

A *Muala ulemba* fica na base da serra de Chicolone, a uns 7 quilómetros do rio Vúbuè que naquêlo ponto corre entre a serra de Dziduí e a serra Sampande, esta última interposta em parte entre o local das pinturas e o rio mencionado.

O conjunto pictográfico da *Muala ulemba* é notável. Ali se veem mais de duzentos sinais bem nítidos (fig. 22). Na parte inferior da pedra há, além disso, uma grande quantidade de sinais pouco distintos.

As pinturas são a vermelho de diferentes tons, e estão pintadas numa superfície lisa, de mais de 10 metros de comprimento por 6 a 7 de altura, existente na base do enorme rochedo de granito.

No conjunto avultam dois grandes escalariformes postos horizontalmente (fig. 23). Há muitas impressões de mãos (2) espalmadas (fig. 24); contei mais de trinta, umas bem nítidas, outras mais apagadas e algumas mesmo pouco perceptíveis.

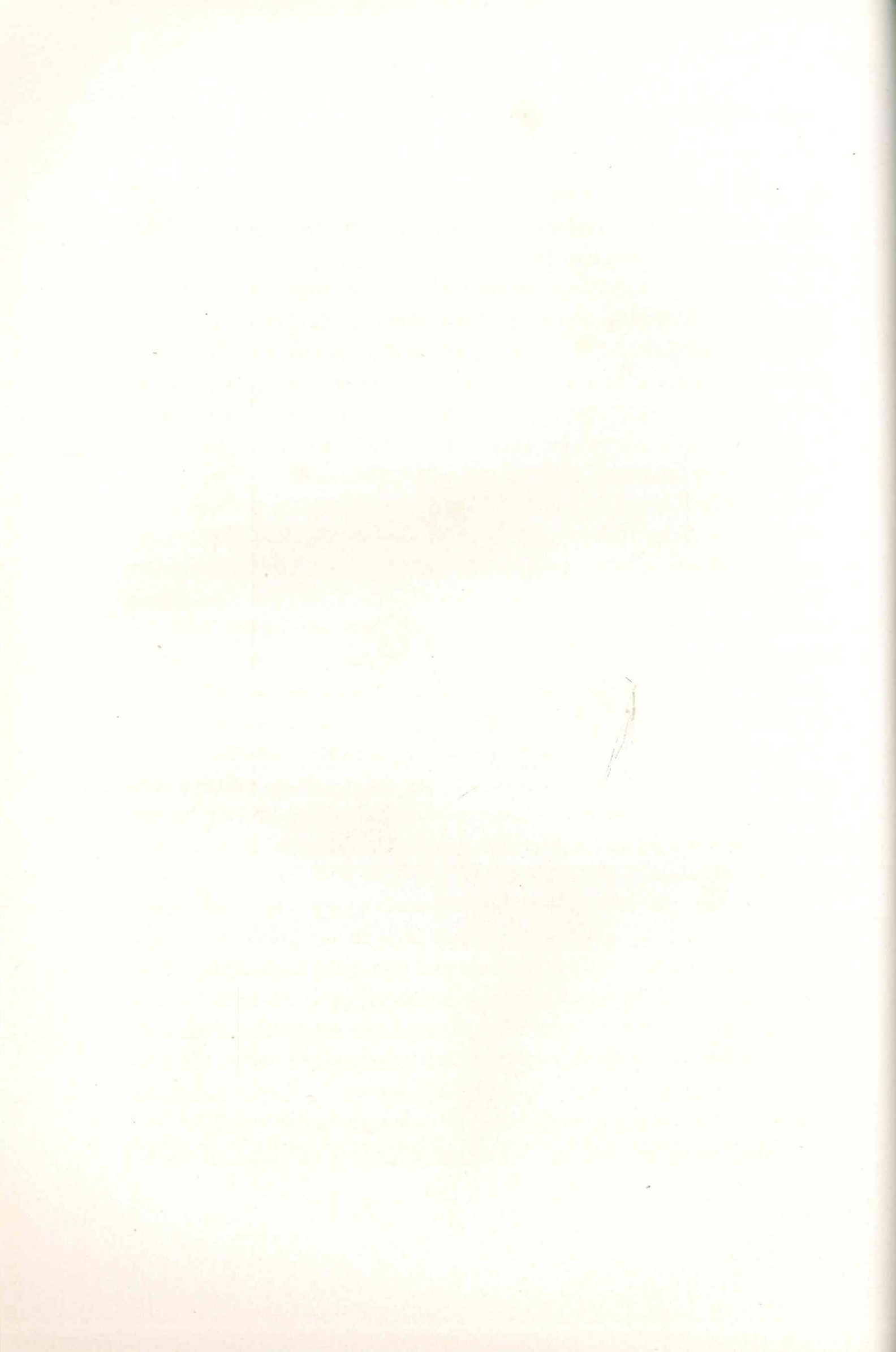
Há muitos sinais em xadrez, círculos concêntricos, séries de barras paralelas, pectiniformes, fiadas de manchas punctiformes e outros sinais mais ou menos complexos. No alto, um

(1) Segundo se lê em Staudinger, trab. cit. pág. 143, foi Spring e não Wiese quem procedeu à escavação na base da *Muala ulemba*.

(2) É bem conhecida a *Cave of Hands* na Colónia do Cabo, perto de Riversdale, da qual Burkitt no seu belo livro *South Africa's past in stone and paint*, Cambridge, 1928, nos dá a fotografia dum grupo de mãos na P. VII, e a pág. 154 diz: «Especially to be noticed is the enormous number of small hands». No abrigo de Wilton também há várias representações de mãos humanas.



Fig. 25 — *Mualalemba*. Com papel transparente fiz o decalque do contorno da maioria dos sinais pintados, não tendo ultimado a tarefa, em consequência do desastre que sofri. Foi preciso tapar com troncos de árvores o buraco que havia na base do rochedo, e assim formar um estrado onde assentava a escada em que trabalhei. O sinal mais alto ficava um pouco acima da extremidade da escada e a 6^m,80 do nível do estrado.



pouco à esquerda e abaixo dum grupo de dois sinais rectangulares, que ficam a 6,50 m. do chão, há um outro que tem um não sei quê de antropomorfo.

Na base do rochedo havia uma larga cova com 2 metros de largura e a profundidade de 3 a 4 metros, que me informaram ter sido feita por Wiese. Pelo trabalho de Staudinger atrás citado, parece porém ter sido resultante da escavação de Spring.

Do estrado de troncos de árvore, com que mandei tapar a cova, ao sinal mais alto, medi 6,80 m. No estrado apoiei uma escada de 16 degraus que os pretos construíram rapidamente, amarrando os degraus com *luzi*, casca da árvore *mombo*, a dois troncos postos ao alto. Enganchado nessa escada trabalhei penosamente no decalque, com papel transparente, dos sinais mais altos (fig. 25). Na terra que marginava a cova da base da *Muala ulemba* apanhei alguns instrumentos microlíticos de quartzo hialino, pontas de seta, uma faquinha e raspadores, que se perderam ao empacotar a minha bagagem depois do desastre que ali tive e de que ia sendo vítima.

A tipologia daquelas peçazitas de quartzo pareceu-me da cultura de Wilton. E assim devia ser, pois as impressões das mãos nos abrigos pintados (*rock shelter paintings*) da África do Sul são consideradas como típicas das pinturas do período cultural de Wilton.

Ao contrário do que sucede com o abrigo do Chifumbázi a cronologia do santuário da *Muala ulemba* do Chicolone pode, como acabamos de ver, estabelecer-se com certa segurança.

Para os indígenas actuais daquela região, a *Muala ulemba* é ainda um santuário, um *m'zimo* ou *muzimbo*, lugar sagrado onde vão evocar as almas dos seus antepassados e depor oferendas, constituídas em regra por comida e bebidas, especialmente *pombe*, a conhecida cerveja cafreal feita de milho fermentado.

Os pretos de Coéra, povoação indígena próximo do Chi-

fumbázi, escaparam-se da aldeia quando ali estive em 1936, e em 1937 resistiram, por várias formas, a indicarem-me o local onde se encontrava a *Muala ulemba*. Soube mais tarde que os indígenas não podem aproximar-se daquele sítio sem uma autorização especial do feiticeiro, e é crença entre eles de que branco que ali vá será vítima dos *muzinos*. Não fui vítima dos *muzinos* mas ia sendo vítima dum enorme enxame de abelhas que furiosamente me atacou quando trabalhava num outro abrigo com pinturas, que a seguir se descreve.

Junto da *Muala ulemba*, logo à parte de cima, vi um outro monólito de granito, o qual apresentava, a uns 14 ou 15 metros do chão, uma fissura que em certo ponto se alargava em ampla anfractuosidade; nas paredes da mesma notei a existência de pinturas.

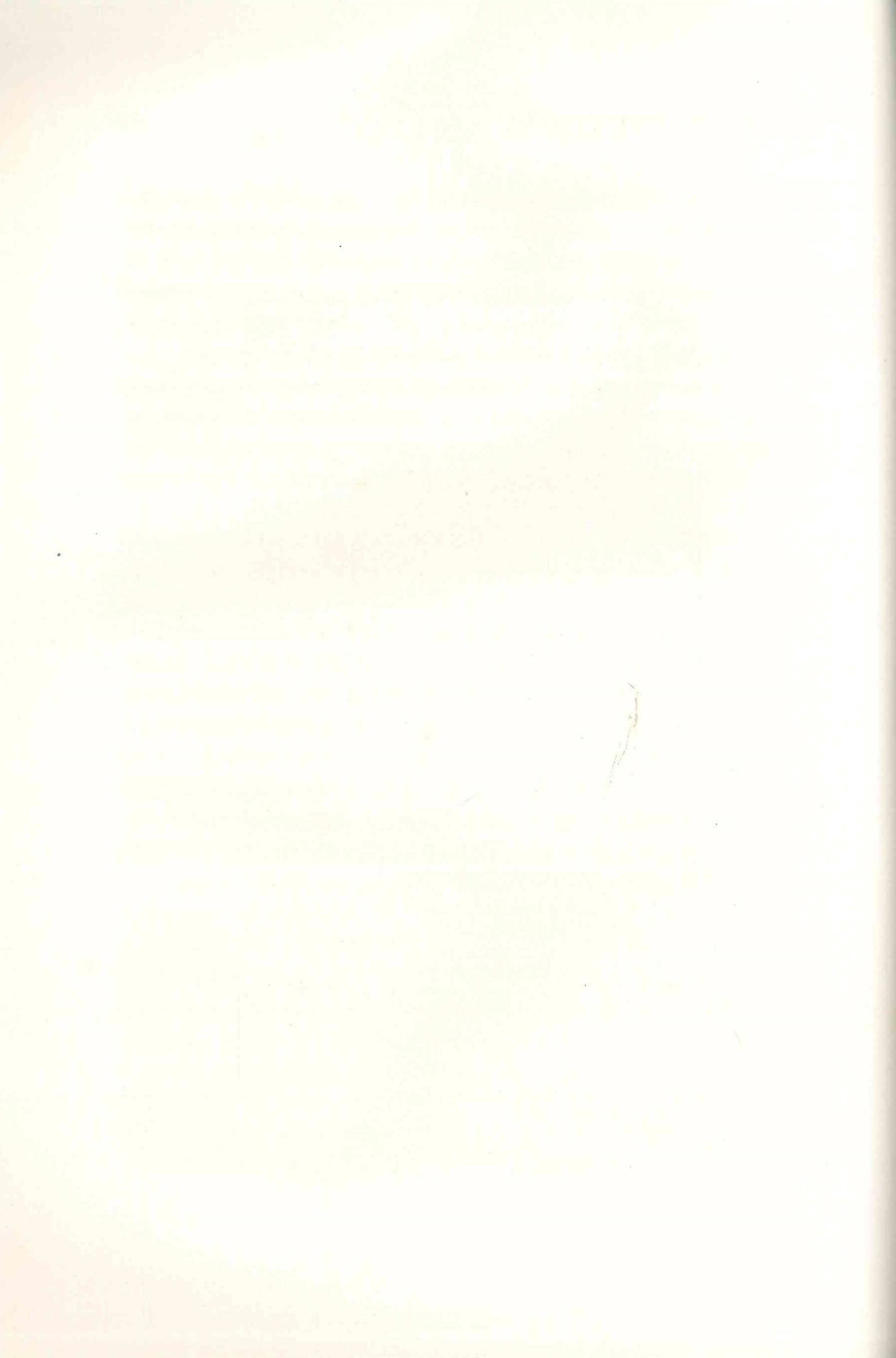
Fui observar directamente essas pinturas, fotografá-las e fazer descalques com papel transparente. As pinturas reproduzem em vermelho a silhueta dum elan, a cabeça dum girafídeo e umas manchas indecifráveis (fig. 26).

Estudava estas pinturas naquela anfractuosidade ou pequena gruta, para onde os negros do alto da pedra me tinham descido por meio duma grossa corda feita de *luzi*, quando um violento e inesperado ataque de abelhas dispersou rapidamente os pretos e me obrigou a tentar uma passagem difícil para escapar à agressão daqueles terríveis himnópteros. Ao passar ao longo dum pequeno ressalto escorregou-me um pé e caí de grande altura. Em consequência da queda fracturei o pé esquerdo e fiquei muito maltratado com a violência do choque, tendo sido transportado de avião ao Hospital de Lourenço Marques onde fui operado de urgência. Fizeram-me uma astrágalectomia esquerda (1).

(1) Da *Muala ulemba* ao Chifumbázi, 40 quilómetros, os pretos transportaram-me em *machila*. Como continuava em comoção cerebral e o meu estado inspirasse cuidado, transportaram-me imediatamente para Vila Mousinho, distante 275 quiló-



Fig. 26 — Pinturas reproduzindo em vermelho as silhuetas de dois animais. A de cima representa um elan e a debaixo, no quarto esquerdo, a cabeça dum girafídeo.



As pinturas dêste segundo abrigo anfractuoso, escavado em pequena gruta a cerca de 14 ou 15 metros do chão, são inteiramente diferentes das da vizinha *Muala ulemba*.

Como vimos, trata-se de pinturas zoomórficas ou animalistas, que, embora num conjunto pobre, têm especial importância, pois constituem o primeiro documento dêste género que até à data se conhece na nossa Colónia de Moçambique.

Na Rodésia e na União Sul-Africana predominam as pinturas rupestres animalistas em combinação com as extraordinárias estilizações humanas cheias de dinamismo, a-pesar-da singeleza dos seus traços lineares.

Com facilidade, em muitas dessas pinturas rupestres das regiões citadas, se apercebem imediatamente cenas de caça, tão freqüentes nas pinturas pre-históricas de muitas regiões do globo e nomeadamente do sudoeste europeu (1).

Nas pinturas zoomórficas do que vimos tratando, não há nada que lembre figuras humanas. A existência apenas de figuras de animais leva-nos a pensar que as mesmas não tivessem sido feitas tendo em vista ritos de propiciação venatória, mas com uma finalidade puramente zoolátrica.

No estabelecimento da cronologia relativa das pinturas sul-africanas, as pinturas geométricas e mais ou menos estili-

metros. Os primeiros cuidados clínicos foram-me ali prestados pelo meu caro colega Dr. Costa Campos, a quem testemunho o meu sincero agradecimento pelo carinho com que me tratou não me abandonando um momento. De Vila Mousinho fui para o Furan-cungu, mais 175 quilómetros, onde tomei um avião que, graças à pronta aquiescência do então ilustre Governador de Moçambique, coronel José Cabral, ali me veio buscar para dar entrada no Hospital de Lourenço Marques onde fui tratado com a mais alta capacidade pelo meu ilustre colega e habilíssimo cirurgião Dr. Vasco Palmeirim, que era então Director dos Serviços de Saúde da Colónia de Moçambique.

De muitos patrícios residentes em Lourenço Marques recebi carinhosas provas de estima que muito me penhoraram. A todos testemunho a minha gratidão e muito especialmente à colónia trasmontana.

(1) Em Portugal é lindíssima a cena de caça pintada num dos esteios do dólmen beirão conhecido pelo nome de Orca dos Juncaís (Viseu), onde figuram 2 veados e 2 corças atacadas por homens armados de arco e flechas e acompanhados por 6 cães.

zadas são consideradas posteriores às pinturas animalistas. Quere dizer, as pinturas zoomórficas da serra de Chicolone, devem ser mais antigas do que as do importante abrigo vizinho da *Muala ulemba* que, como vimos, deve ser considerada como pertencendo à cultura de Wilton.

Em conseqüência do desastre de que ali fui vítima e que me ia custando a vida, não pude ultimar os meus trabalhos de pesquisas. Oxalá que um dia ali possa tornar para completar o decalque das pinturas da *Muala ulemba* e realizar uma escavação junto do monólito onde estão as pinturas zoomórficas.

RECINTOS MURALHADOS

Na África do Sul, largamente espalhados pela Bechuana-lândia, Estado Livre do Orange, Transval, Rodésia do Sul e Moçambique, há um grande número de ruínas de recintos muralhados e outras velhas construções de pedra, constituindo aquilo que os arqueólogos sul-africanos chamam «*ruined stone structures*».

Os monumentos dêste tipo vão sendo estudados dia a dia com especial cuidado e interêsse.

Como é sabido, durante muito tempo tôdas as atenções incidiram exclusivamente sôbre Zimbáuè, as célebres ruínas situadas na Rodésia do Sul, próximo de Fort Victoria que visitei em 1936. Daquela grandiosa construção ou duma semelhante, tiveram conhecimento os portugueses do século XVI falando-nos dela João de Barros na 1.^a Década (1552), em termos que o Prof. Mendes Corrêa (1) resumiu da maneira seguinte:

(1) Mendes Correia, *Pre-História de Moçambique*, cit.

«Ora, ali, no meio do campo, está — escrevia Barros — uma fortaleza quadrada tôda de cantaria de dentro e de fora mui bem lavrada; de pedras de maravilhosa grandeza, sem aparecer cal nas juntas dela....»

O nosso autor quinhentista indica as respectivas dimensões e acrescenta: «sôbre a porta do qual edifício está um letreiro que alguns mouros mercadores que ali foram ter, homens doutos, não souberam ler nem dizer que letra era: e quási em tórno dêste edifício, em alguns outeiros, estão outros à maneira dêle no lavramento de pedraria e sem cal, em que há uma tórre de mais de doze braças. A todos êstes edifícios os da terra chamam Sybaoe que acêrca dêles quiere dizer côrte porque a todo o lugar onde está Benomotapa chamam assim....»

Quando ou por quem êstes edifícios foram feitos — continua o autor das *Décadas*, — como a gente da terra não tem letras não há entre êles memória disso, sòmente dizerem que é obra do diabo...»

A referência que João de Barros faz ao letreiro existente sôbre a porta, e que alguns mouros mercadores, homens doutos, não souberam ler, leva-me a emitir a hipótese de que a descrição de Barros devia referir-se não às ruínas de Zimbauê, mas às de Inyanga, onde Schlichter encontrou uma pedra com cinco letras, cujo desenho foi publicado por Staudinger (1) e vai reproduzido na fig. 19, pág. 34, dêste trabalho.

Sôbre estas vélhas construções de pedra, consideradas sob o ponto de vista geral, há um trabalho de York Masson (2) que

(1) Staudinger, *Funde und Abbildungen von Felszeichnungen etc.* cit. pág. 143, fig. 4.

(2) York Masson, *The problem of the stone structures in Southern Africa*, in «Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, vol. II, Pôrto, pág. 501 a 531, 1 mapa e 9 figs.

foi apresentado ao 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial realizado no Pôrto em 1934 a quando da Exposição Colonial Portuguesa. Ha vários trabalhos especiais sôbre algumas dessas ruínas de que damos a indicação colhida na bibliografia do trabalho de York Masson (1).

Por agora, dada a natural concisão dêste trabalho, pouco mais farei do que indicar as ruínas que até agora se conhecem na nossa colónia de Moçambique, não sendo de admirar que novas pesquisas, a realizar especialmente em Manica e Sofala, possam aumentar êsse número, e permitir que, pelo seu estudo cuidadoso, se colham os necessários elementos para o esclarecimento dos complexos problemas da data, origem e finalidade daquelas vélhas construções, bem como do conhecimento do povo que as edificou. Êste problema, no dizer de York Masson, «constitue o problema central e embaraçoso da pre-história da Rodésia».

NHAANGARA

As ruínas moçambicanas de Nhaangara ficam a uns 15 quilómetros a sudoeste de Vila Gouveia, no Báruè, na margem esquerda do rio Nhaangara ou Nhacangara.

Informaram-me, a quando da minha 2.ª campanha em 1937, que as ruínas «constam de muros desmoronados, mas em alguns pontos ainda com a altura de 1 metro, sendo bem visíveis todos os labirintos da antiga muralha, bem como, os minaretes ou atalaias (?), tôrres que se elevam em formato cónico».

(1) Gwatkun, *The ancient forts of Penha-Longa, Southern Rhodesia*, in «Rhodesian Mining Journal», de Out.º, Nov.º; 1932 e Jan.º 1933; Hoernle, *The stone-hut settlement on Tafelkop, near Bethal*, in «Bantu Studies», vol. IV, n.º 1; Lowe, *A preliminary report on the Stone Huts at Vachkop*, in «Journ. Roy. Anthr. Inst.», vol. LVII, 1927; York Masson, *The Penha Longa Ruins-Southern Rhodesia*, in «S. A. Journ. Sc.», vol. XXX, 1933.

Frobenius a pág. 271, 272, 288, 289, etc., do seu livro *Erythräa* fala repetidas vêzes das ruínas de Niamara (suponho serem as mesmas de Nhaangara) (1), que Wierschhoff escavou, tendo encontrado objectos de bronze, tais, como cinzéis, braceletes, um anel, um fio, contas e também cinzéis de ferro.

Frobenius atribue especial importância à análise química dos objectos de bronze e ao uso dos mesmos, que considera preciosos para a indicação da construção de Niamara e dos semelhantes Zimbábues, bem como, para a determinação do povo que teria realizado aquelas construções.

ZEMBE E MAVITA

Mais ao sul, em território de Manica e Sofala, nas margens do rio Revuè e a sul de Vila Pery entre esta vila e Chinamáni existem as ruínas da Zembe e de Mavita de que me falou o Sr. Manuel Henriques da Cruz, em Lisboa, quando ali fui em Maio de 1938 fazer uma conferência à Associação dos Arqueólogos Portugueses.

O Sr. M. H. da Cruz, conservador do Museu da Beira, e naquela data em gôzo de licença na metrópole, mostrou-me alguns desenhos de interessantes documentos arqueológicos de Manica e Sofala, os quais, por minha sugestão apresentou à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em sessão científica de 14 de Junho de 1938.

Do livro das actas da S. P. A. E. faço o extracto da comuni-

(1) Pedi ao colega Dr. Alfredo Ataíde, que conhece bem a língua alemã, para averiguar se Frobenius dava a situação de Niamara junto de Vila Gouveia. O Dr. Ataíde não encontrou a menor referência à localização destas ruínas. Suponho, como disse, que Niamara e Nhaangara sejam uma e a mesma coisa. É frequente a propósito das designações indígenas de serras, rios, aldeias, etc., haver diversidades no género desta. Veja-se a nota da pág. 9 àcerca de Kambulabassa.

cação do Sr. M. H. da Cruz intitulada *Contribuição para o estudo da pre-história de Manica e Sofala*, que na referida sessão, tive o prazer de apresentar em nome do autor.

Ao sul de Vila Pery, entre esta vila e Chinamáni, na Zembe o Sr. M. H. da Cruz, encontrou um recinto muralhado do tipo de Zimbauè que apresenta a particularidade curiosa de possuir também uma torre cônica. Ali aparecem numerosos fragmentos de cerâmica, contas, peças de ferro, e instrumentos líticos de vária feição, tudo existente hoje no Museu de Macequece.

No Museu da Beira encontrou o Sr. M. H. da Cruz uma placa ídolo de xisto, com a indicação de ter sido encontrada pelos indígenas na Zembe. Este achado é tanto mais interessante quanto é certo que a distribuição das placas ídolos se faz principalmente no centro e sul de Portugal e sul da Espanha, constituindo caso esporádico o aparecimento de placas ídolos semelhantes no Egipto, especialmente em Nágada, como se infere dos trabalhos de Morgan (1).

Mais ao sul da Zembe e na outra margem do Revuè, em sítio denominado Mavita, existem restos de muralhas defensivas no alto dum monte. Estas muralhas do mesmo tipo de factura das da Zembe e das dos Zimbáuès em geral, foram também observadas pelo Sr. M. H. da Cruz que, a algumas centenas de metros das mesmas, descobriu restos de sepulturas e uma estação paleolítica do tipo da cultura de Setellenbosch, a que já atrás nos referimos.

MURALHA NA SERRA SONGO

Uma outra muralha existiria ainda na margem direita do Zambeze, circunscrição da Chicôa. O mestiço Gabriel de

(1) Morgan, *Recherches sur les origines de l'Egypte — Ethnographie préhistorique*, pág. 145, onde se lê: «on a rencontré des plaques de schiste analogues dans les tombes préhistoriques du Portugal, et de nos jours encore les habitants de Kachmir font usage de plaques semblables comme amulettes».

Sousa, que em 1936 morava no Matundo do outro lado do Zambeze, em frente de Tete, e que na região da Chicôa foi o delegado da Companhia da Zambézia durante o regime dos prazos, contou-me assim a razão da existência de tal muralha: Na serra *Songo*, que fica entre Tete e a Chicôa, embora mais perto desta última, habitavam, como ainda hoje habitam, os *dêmas*, tribo indígena de costumes muito primitivos, que praticavam a antropofagia. Na base da mesma serra viviam os *machindas* que se estendiam até à Chicôa, Angara e Chiôco, na sub-divisão territorial de Inhampando, nome dum antigo rei desta raça e pelo qual designavam também o seu chefe.

O *Inhampando* um dia meteu um enxame de abelhas dentro dum saco e, sòzinho, subiu a serra para ir ter com os *dêmas*. Era vedado aos *machindas* penetrarem na área da jurisdição dos *dêmas* sem autorização especial. Por isso, quando ali o viram, quiseram prendê-lo, o que não fizeram por o *Inhampando* os ameaçar de que se tal fizessem abria o saco e eles morreriam todos. Conduzido ao régulo dos *dêmas*, denominado *Songo*, este teria perguntado ao régulo dos *machindas* — Para que vens aqui? A resposta foi esta: — Para vos obrigar a deixar de comer gente. E se não me prometeis que de hoje em diante não mais comereis carne humana, abro o saco neste mesmo instante e morreis todos.

Aterrados com a ameaça juraram solenemente não mais comer gente.

No entanto o *Inhampando*, como castigo dos que tinham comido gente, ordenou que acarretassem grande quantidade de pedra que foi amontoada numa espécie de muralha ainda ali existente, segundo asseverava o meu amável informador.

Em 1937, durante a minha segunda campanha, procurei averiguar da existência de tal muralha, pois dada a escassez de

tempo de que dispunha, não queria realizar ali uma jornada sem ter a certeza prévia de que tal construção existia na verdade.

Nada consegui averiguar junto do secretário Pinheiro Torres, ao tempo desempenhando as funções de administrador da circunscrição da Chicôa, o qual, mais tarde, informou o colaborador da minha Missão em África, Sr. Luiz dos Santos, de que ainda hoje existe a tal muralha. O Sr. Pinheiro Torres não pôde porém ir vê-la.

A-pesar-de nada de concreto se poder afirmar sobre esta construção, não quis deixar de referir o que acêrca dela consegui averiguar esperando ir vê-la, se uma terceira campanha da Missão Antropológica vier a realizar-se.

*

É da maior importância arqueológica o estudo das vélhas ruínas de construções de pedra, muitas vêzes formando recintos muralhados, quer em terreno mais ou menos plano, como sucede com o templo e as *valley ruins de Zimbaué*, junto de Fort Victoria, quer no cimo de montes, como sucede com a acrópole sobranceira às *valley ruins* e ao templo de Zimbaué.

Especialmente os recintos muralhados do alto dos montes, que os autores ingleses chamam, e bem, *hill top fortifications*, lembram os castros do norte de Portugal e da Galiza, com os quais são muito semelhantes.

A inscrição de Inyanga (fig. 19) é feita em caracteres que igualmente lembram os caracteres ibéricos.

O ídolo-placa da Zembe, hoje no Museu da Beira, embora exemplar único até à data, e portanto com a própria natureza dos factos esporádicos, leva-nos também a lembrar o centro eneolítico do sul de Portugal e da Espanha no qual a cultura dos ídolos-placas teve uma extraordinária exuberância.

É cêdo ainda para formular conclusões definitivas, dada



Fig. 27 -- Carta de pre-história de Moçambique.

a insuficiente natureza dos elementos de que dispomos para o conhecimento da pre-história de Moçambique. No entanto é de-veras impressionante a série dos factos indicados nas linhas acima, o que, de resto, está de acôrdo com as afinidades já apontadas por vários autores entre as pinturas rupestres sul-afri-cananas e as pinturas pre-históricas da Península Ibérica, especial-mente do leste espanhol.

A notável civilização dolménica, considerada como originária da faixa ocidental da península ibérica onde hoje se encontra Portugal, daqui difundiu por via marítima. É esta ao menos a opinião de Breuil, Bosch-Gimpera, Mendes Corrêa e outros.

Não é estranho que outras civilizações tivessem difundido dêste finisterrae.

Se na verdade, tudo o que vimos a propósito da arqueo-logia de Moçambique é impressionante, e nos levaria a formular hipóteses de influências remotas desta faixa da Península Ibé-rica, que é hoje Portugal, — Pátria quási milenária — sôbre as civilizações pre-históricas do leste africano, como explicar a falta de tais documentos arqueológicos ao longo da costa oriental da África ou pelo menos num ou noutro ponto desta costa?

O problema embora sugestivo e apaixonante é complexo, e só pesquisas sistemáticas poderão fornecer elementos seguros para o seu completo esclarecimento.

Se é certo que alguma coisa se tem feito para o conheci-mento da pre-história de Moçambique, (fig. 27) muitíssimo há ainda que fazer.

A tarefa é de tal modo grande, que, só por si, justificava a criação duma missão científica que tivesse a seu cargo exclusi-vamente êstes estudos.

Emquanto se não cria o grande Museu Colonial, onde será

recolhido o material das explorações levadas a cabo pelo seu pessoal técnico, que, de colaboração com os Institutos Universitários de Investigação Científica, fará o seu estudo, será a êstes Institutos que compete o amplo e patriótico papel da investigação científica colonial, a qual não deixará igualmente de lhe competir, mesmo depois da criação do Museu Colonial. De modo algum pode haver um divórcio entre as nossas Universidades e os estudos coloniais.

Às Universidades cabe a preparação daquêles que, amanhã, hão-de constituir o quadro de investigadores que, dentro do Museu Colonial e em missões às Colónias, realizarão a tarefa ingente e altamente patriótica do reconhecimento científico das nossas possessões ultramarinas.

Oxalá que brevemente seja organizada uma terceira campanha da Missão Antropológica de Moçambique, a qual, em imediata ligação com o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto, continuará, sob a superior orientação do Prof. Mendes Correia, a tarefa não só de estudos antropológicos e etnográficos, mas também a dos estudos da arqueologia moçambicana, onde tantos problemas, tão sugestivos e extraordinariamente interessantes estão postos em equação.

Santos Júnior

*Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto
Junho de 1940*

Composto e impresso nas oficinas de
Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa
da Condessa do Rio, 27 — Lisboa

biblioteca
municipal
barcelos



9619

Pré-história de Moçambique